

A Crise de Julho na Revolução dos Cravos: um diário da revolução portuguesa.

David Gueiros Vieira
(Universidade de Brasília)

A revolução portuguesa de 1974, chamada "Revolução dos Cravos", foi um evento que incendiou a imaginação de muitos brasileiros. Criam alguns que tal modelo poderia ser importado no Brasil, que desde 1964 se encontrava sob tutela militar, ainda que certas instituições democráticas ainda funcionassem aqui: Congresso Nacional, legislaturas estaduais, municipais, e outras.

Naquele mesmo ano, como chefe do Departamento de História da Universidade de Brasília, eu trouxe ao Brasil a idéia de iniciar um programa de história oral na UnB – não havia ainda um só programa de história oral no país. Fiz contatos com instituições nacionais, como a Fundação Getúlio Vargas, e com outras universidades federais. Obtive verbas da Fundação Ford para montar um seminário sobre história oral na Universidade, que atuaria como hospedeira de várias outras instituições participes deste encontro.

Nesse ínterim, encontrei uma oportunidade de dar início ao programa da história oral da UnB, por conta própria. Meu plano era de utilizar as verbas que obtivera para pesquisa nos arquivos da Igreja Anglicana, em Londres, e dar uma passada de uma semana em Portugal, em julho de 1975, onde entrevistaria os grandes líderes da revolução portuguesa. Para este fim, obtive cartas de apresentação do professor Henry Keith, do nosso departamento de história, para inúmeras pessoas em Lisboa, que me ajudariam a montar ditas entrevistas. Henry Keith, antes de vir para a UnB, mantivera por muitos anos uma escola de inglês em Lisboa, confiscada pela revolução, através do sistema de auto-gestão adotado pelos revolucionários portugueses. Os professores da escola passaram a ser os donos da mesma, e Keith se auto-exilou no Brasil.

Auxílio também me foi prometido por uma aluna minha, Maria Guadalupe Moreira, casada com um diplomata brasileiro, da família Moreira, do Maranhão, de origem portuguesa. Informou-me ter a família do marido retornado a Portugal, e que um cunhado seu, Rafael de Farias Domingues Moreira, estudante da Universidade de Lisboa, era bem entrosado com os revolucionários do momento. Esse universitário português tornou-se meu grande amigo e meu grande cicerone, tanto na cidade de Lisboa quanto no meio

revolucionário. Hoje ele é professor da Universidade Nova de Lisboa, e se especializa na história das fortificações portuguesas em seu mundo colonial antigo.

Fui para Portugal com grande cautela. No Brasil, os portugueses não se cansavam de me contar histórias de como as pessoas estavam sendo "mortas", por serem do Brasil e se oporem à revolução. Ser brasileiro, ou vir do Brasil, assim me asseveravam, de imediato colocava o indivíduo na mira dos revolucionários. Na verdade as coisas não eram assim, se bem que não tenha dúvida que alguns portugueses, vindos do Brasil, tenham tido muitas dificuldades por lá, ao se oporem à maneira como a revolução estava sendo conduzida, especialmente a partir do momento em que as forças de esquerda tomaram a decisão de transformar Portugal em uma espécie de Cuba europeia.

Essa decisão foi tomada exatamente no momento da minha viagem, em julho de 1975. No dia quatro daquele mês, houve uma tentativa de golpe de estado, em Portugal, da qual eu não tomara conhecimento por estar viajando para lá, naquele mesmo momento. A esquerda, em nome "do povo", e do operariado português, tentou apoderar-se do poder. Tempos depois, com a reação do Partido Socialista, que alienou os radicais de extrema esquerda, e em uma eleição livre, essas mesmas forças radicais receberam apenas pouco mais de 3% dos votos. Mas na época eram vociferantes. Amedrontavam a todos com sua gritaria, e com as badernas que promoviam. "Audácia, sempre audácia", era seu lema.

Minha visita a Portugal, de uma semana, terminou se transformando em quatro semanas. Mesmo assim, ao sair do país ainda não tinha conseguido entrevistar muitas das pessoas que realmente importavam. Fui para a Inglaterra, pois já perdera muito tempo com a revolução portuguesa, e tinha de terminar minhas pesquisas sobre os anglicanos no Brasil. Mais ainda, minhas verbas chegavam ao fim. Uma semana e meia na Inglaterra foram suficientes para apanhar o que desejava no Palácio Lambert, que abriga o arquivo da Igreja Anglicana.

Através de todo esse diário da revolução, menciono um livro que planejava escrever sobre esse período tão conturbado da revolução portuguesa. Tal livro seria baseado nas minhas notas diárias, bem como nos jornais, que diariamente enviava ao Brasil. Essa fora uma má estratégia da minha parte. Educado na democracia americana, onde não se ouve falar de censura, nem violação de correspondência pelas autoridades, e recém-retornado ao Brasil, após 25 anos de vida nos Estados Unidos da América, não entendia o que era tal coisa. Assim, meus jornais foram todos confiscados pelas autoridades do Correio Nacional. Nenhum deles chegou às minhas mãos. Acabrunhado, com esse contratempo, pensei que ainda poderia

utilizar os teipes que fizera, das minhas entrevistas, e publicá-los assim mesmo, sem comentário ou o quer que seja.

Coloquei os teipes das entrevistas nas mãos de várias secretárias brasileiras, nenhuma das quais entendeu mais do que umas poucas palavras do português lusitano. Para elas era tudo falado em "língua estrangeira", de modo que os mesmos nunca foram "decodificados". Uma dessas secretárias, filha de portugueses, chegou me perguntar se não haveria um dicionário do português lusitano, para a "língua brasileira". Sem conseguir decodificar o que estava registrado nos teipes, dei por perdido o meu esforço, e abandonei o projeto. Jamais pensei em publicar minhas notas pessoais.

Apenas recentemente, ao começar a fazer uma limpeza em meus velhos arquivos, é que encontrei minhas cartas diárias, guardadas por minha mulher. Estas eu escrevera não apenas para registrar tudo que via e ouvia, enquanto os fatos estivessem ainda frescos em minha mente. Fora também uma maneira de informar minha família do que eu estava fazendo. Daí minhas freqüentes menções a assuntos puramente pessoais. Mais ainda, grande parte das minhas notas reflete minha paranóia em relação à revolução, induzida pelas mencionadas histórias contadas pelos portugueses no Brasil, sobre o que estava ocorrendo em Portugal. Por essa razão, não queria ter nada "comprometedor" em mãos, caso meu quarto de hotel fosse invadido pela "polícia secreta comunista", que diziam existir.

Os teipes, até hoje, continuam em meu poder. Não sei quando os mesmos serão de alguma utilidade. Guardo-os apenas como lembrança dessa aventura muito louca, trinta anos atrás.

Minhas impressões da revolução, conforme registradas em minhas cartas diárias, seguem abaixo.

Diário da Revolução Portuguesa

(Julho de 1975)

Rio, 04 de julho. A viagem Brasília/Rio foi sem grandes dificuldades.

Rio, 05 de julho. Saí às 9:00 para a Biblioteca Nacional. Encontrei na biblioteca um professor norte-americano, George Brown, a quem conhecera nos Estados Unidos. De lá fomos ao Palácio da Cultura, e aos escritórios da Capes, para ver se liberávamos as verbas do programa de história oral da UnB. Não tinham ainda recebido ordens de Brasília.

Na volta, passamos pelo gabinete da Diretora da Biblioteca Nacional, Janice Montemor. Esta me agradeceu o auxílio que lhe dei na obtenção de verbas da Capes, para um

programa da Biblioteca Nacional. Conversamos longamente. Pediu que escrevesse ao pessoal da Universidade Vanderbilt, solicitando que a visitem, quando vierem ao Brasil, pois necessita do auxílio na restauração de livros e manuscritos, e a Vanderbilt tem um programa nessa área. Ofereceu-me qualquer coisa que precisar da Biblioteca Nacional.

Telefonei a Celina Vargas, neta do velho Getúlio Vargas, atual presidente do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas. Convidei-a para participar da semana de história da UnB. Aceitou.

Rio, 06 de julho. Fui caminhando até a Igreja Presbiteriana de Copacabana, levando um exemplar da minha tese de doutorado, sobre a questão religiosa no Brasil, no século XIX, e uma carta de José Honório Rodrigues sobre a mesma. José Honório tinha me pedido a tese emprestada, para preparar o prefácio para uma nova edição das obras do deputado do Império Aureliano Cândido Tavares Bastos, no qual, assim ele afirma, me cita a todo o momento e diz que meu trabalho é muito bom, do tipo "raramente visto no Brasil". Como José Honório estava também de visita à Europa, e ia viajar antes de mim, me perguntara onde poderia deixar o exemplar da tese. Como mora no Leblon, perto da casa do arquiteto Lúcio Costa, sugeri que a deixasse no apartamento de Lúcio, que é tio de minha mulher.

Na tarde anterior, antes de sair a procura das casas de câmbio, passara no escritório de Lili Costa, filha de Lúcio Costa, e do marido dela, o economista Eduardo Sobral, hoje falecido. Já estavam com a tese em mãos, e declaram-se impressionados com o que tinham lido, bem como com os comentários que José Honório fizera pessoalmente a respeito da mesma. Lúcio Costa não estava no momento. Informaram-me que o escritório deles está fazendo vários projetos de arquitetura para Brasília, e que estarão por lá no final de julho, quando nos procurarão.

Passei então a manhã toda na Igreja Presbiteriana de Copacabana, falando com um jovem pastor chamado Guilhermino Silva da Cunha, a quem não conhecia ainda. Expliquei tudo a respeito da tese. Disse-lhe que estava procurando o apoio da Confederação Evangélica do Brasil, buscando promessa de compra de alguns exemplares da publicação. Informou-me que a Confederação existe apenas em nome, e que teria maiores possibilidades de auxílio se lidasse diretamente com os presbiterianos. Prometeu levar o assunto perante a reunião do Sínodo do Grande Rio, que ocorrerá em julho, e que tinha certeza de obter promessa de pelo menos 200 exemplares, e imaginava que em São Paulo poderia obter promessa de pelo menos outros 200. Ficou com o exemplar do trabalho, para devolvê-lo mais tarde.

Almocei numa churrascaria em Copacabana, e depois fui para a casa da minha prima Sylvia Gueiros Carneiro da Cunha, que voltara da Bahia, naquele dia. Fora à Bahia a ver se vendia de volta ao Estado todas as antiguidades que seu sogro – o velho José Marianno

Carneiro da Cunha - comprara, anos atrás, a um Mosteiro de Salvador. As negociações estão sendo conduzidas em segredo, para evitar que ocorra o que ocorreu em Pernambuco, com a interferência de interesses ditos "políticos", na verdade de politiquinhos vigaristas, interessados apenas em obter benefícios para si mesmos. O deputado que conseguiu a entrevista dela com Governador da Bahia, lembrando da briga da Bahia com nosso primo Eraldo Gueiros, governador de Pernambuco, apresentou-a sem nem mencionar o nome Gueiros.

Sylvia deu-me o endereço da filha, Claudinha, que está em Londres, e pediu que eu a dissuadisse de ir á Índia, com um grupo de amigos, pois teme que o problema da Indira Ghandi venha em breve resultar em revolução e violência naquele país. Deu-me também o telefone do Lord Thompson of Fleet, em Londres, para qualquer eventualidade, pois é amigo dela e do marido. Lord Thompson, quando veio ao Brasil pela primeira vez, a convite de Assis Chateaubriand, hospedou-se em casa de Sylvia e Marianno, o "Solar Manjope", na Rua Jardim Botânico.

Marianito Carneiro da Cunha, filho de Sylvia, recém retornado de Londres, deu-me os nomes e endereços de vários hotéis alí, bem baratos, onde se hospedou quando era estudante, e bem melhores do que a "Casa do Brasil", onde eu planejava ficar.

Fiquei conversando com eles até as 20:00 horas, quando voltei ao apartamento onde me hospedara. Tomei banho e me preparei para viajar para Portugal, no vôo da meia-noite. Encontrei o Galeão apilhado de gente – só então é que vim saber que ia viajar em um "Jumbo" da Air France.

Rio, 06 de julho. Escrevo no aeroporto do Galeão. Encontrei-me há pouco com um colega da UnB. Achei que estava meio desconfiado comigo. Encontramo-nos de novo na sala de espera dos passageiros internacionais. Falou-me que vai para a França, onde passará cinco dias, e depois voltará por Portugal, onde passará uma semana. No restante das férias visitará países africanos, recém-liberados. Não pode entrar em Angola, pelo perigo de ficar detido por lá, sem poder sair, por causa do número de pessoas que está fugindo daquela ex-colônia portuguesa. No entanto, vai a Moçambique, por terra, via África do Sul. Confirmavam-se assim, pelo menos em minha mente, os rumores que ouvira entre colegas da Universidade que este professor fora treinado pela KGB, na Rússia, e ainda estivera em treinamento na China. De acordo com esses rumores, ele é "comissário" da Internacional Socialista, encarregado de orientar revoluções na África e no Oriente! Tenho dúvidas a esse respeito, mas, de qualquer maneira, deixo o assunto aqui registrado.

O avião era um 747 (Jumbo). Confirmou-se minha primeira impressão do mesmo, durante minha viagem ao Brasil, em 1972, quando viajei num desses aviões, de N.Y. a Porto Rico. A classe turista é tremendamente desconfortável. Os assentos são pequenos e apertados. Sentimo-nos como um bando de sardinhas enlatadas, especialmente porque esse avião carrega 200 e tantos passageiros. A comida, se bem que francesa, era totalmente sem gosto, servida em latas e "containeres" de plástico. Afinal, a classe "turista", em todos os aviões e linhas aéreas, é desconfortável.

Chegamos a Dakar na hora marcada. Só ao chegar lá é que descobri que meus primos, Gláucia Gueiros Reinaux e o marido Marcílio Reinaux, estavam no mesmo avião, a caminho de uma reunião religiosa na Rodésia.

Em Dakar, encontrei-me pela primeira vez com a cultura africana, que até então desconhecia. O sujeito do câmbio trocou-me 10 dólares a um câmbio baixíssimo, soube depois, por quase metade do valor real. O carregador negou-se me dar troco de uma cédula de 500 fr. senegaleses (cerca de três dólares) e quando reclamei ao policial presente, com meu francês estropiado, este fez de conta que não me entendia.

Quando tentei comprar um souvenir, o vendedor pediu US\$50, para mais tarde, depois de muito regateado, vender-me por US\$10. Como Matilde me havia alertado, esse deveria ser o preço real do que desejava comprar.

Fui ao banheiro do aeroporto, do que muito me arrependi. Era um banheiro moderno, evidentemente construído pelos ex-colonizadores franceses, mas estava tão sujo quanto uma latrina de bar nordestino brasileiro. As pias estavam quebradas, os toaletes não tinham assentos, e, pior ainda, não havia papel higiênico. As paredes estavam sujas de fezes humanas. Um horror, que me deixou nauseado.

Almoçamos no aeroporto de Dakar. Os garçons eram uns pretões, de chinelo e roupa suja. Estavam vestidos de "pijamas" listradas, sem forma. Mais pareciam penitenciários de filme americano do que garçons. A comida era terrível: primeiro, uma salada de batata com presunto picado e tomate semi-aprodecido; segundo, um peixe, que não estava lá tão mau, porém de mau aspecto. Por final, foi servido um péssimo cheeseburger, e um purê de batata inglesa. Fiz essa magnífica refeição, acompanhado de um grupo de administradores públicos brasileiros, a caminho da Espanha, onde vão fazer um curso de um mês, em Direito e Administração Pública, patrocinado pelo Instituto de Cultura Hispânica. Fiz amizade com o chefe da turma; um espanhol, que mora em Brasília, e se chama Luis Rúbio-Chavarri y Alcalá-Zamora, nome evidentemente nobre. Este senhor ajudou-me muito, em Casablanca.

De Dakar a Casablanca, viajamos (eu e o grupo brasileiro) em um "Caravelle" da Air Afrique. Mais parecia um dos velhos DC-8's da antiga TABA paraense. Entrou nele um montão de africanos - vestidos de longos robes e chinelos. Parte da área de passageiros estava sendo usada para carga, amarrada com uma rede de cordas. Nessa bagagem ia um cachorro que latia o tempo todo, especialmente quando a campainha de chamada tocava.

A aeromoça era uma preta, até bonita, usando um longo vestido típico africano, usando o cabelo em trancinhas, como se fosse uma rede que ela havia posto na cabeça. Serviu-nos bolachas e suco de laranja, como se nos estivesse fazendo um grande favor, e desapareceu para sempre. Muita gente ficou tocando a campainha de chamada o tempo todo, para pedir água. O cachorro latia e latia, e ela não dava bola. Ficou-se lá para traz, sem dúvida julgando que já tinha cumprido seu dever.

Voamos por cima do Saara. Impressionante! Quase que uma hora de vôo por sobre areia, seguida de montanhas sem nenhuma vegetação, seguidas depois pelo que parece ser uma imensa savana, que vai pouco a pouco dando sinais de vida até chegarmos a Casablanca.

Em Casablanca começou um novo contratempo. Passei pela polícia e aduana, e fui procurar o representante da Air France, em busca da acomodação de um pernoite em Dakar, que me fora prometido por aquela companhia, em Brasília. Encontrei Luis Rubio-Chavari y Alcalá-Zamora já discutindo com o representante da companhia francesa, e sendo informado de que a Air France nada tinha a ver com o que fora prometido pela Air France em Brasília; que tínhamos chegado pela Air Afrique, subsidiária da Air Royal Marrocco e não pela Air France; se queríamos alojamento gratuito que nos entendêssemos com a Air Royal Marrocco. Disse-me, em resposta a uma pergunta bem direta que lhe fiz, que tínhamos sido enganados redondamente por um agente desonesto da Air France em Brasília. O avião que nos trouxe de Brasília voou de Dakar a Casablanca, e poderíamos ter ido nele. Mas o bandido nos colocou naquele teco-teco da Air Afrique, para que a Air France não tivesse pagar nosso pernoite em Casablanca!

Tentei me virar como pude, e novamente encontrei o Luis Rubio já falando com o pessoal da Air Afrique. Falei-lhe então em espanhol, que aquilo era um absurdo, que logo que saísse dali, ia mandar um telex para "meu jornal", e que a Air France ia se dar mal no Brasil. Perguntou-me para que jornal eu trabalhava. Informei-o que para o "Correio Braziliense" e o "Jornal do Brasil", que amanhã mesmo todo o Brasil saberia do vigarismo, fraude e safadeza da Air France. A moça da Air Royal Marrocco, que falava bem o espanhol, saiu correndo, dizendo que ia fazer reservas "lá em cima". Voltou informando que havia arranjado tudo, e que todos nós teríamos alojamento. Descobri, ao chegar ao hotel, que fora a Air France que

autorizara nosso alojamento. Formávamos ao todo um grupo de 36 pessoas. Sem dúvida a moça informou a Air France da minha ameaça de má publicidade para a companhia.

Ficamos no Hotel Marhaba, bem no centro da cidade. Restaurante no último andar, com um bar decorado como um atelier de fazer tapetes (fios de lã de todas as cores, pendurados no teto). O restaurante propriamente era decorado como uma tenda árabe. Comi um "pato a marroquina" que, por essas horas (08:00 da noite), me pareceu uma delícia, tal era a fome que sentia. Chegáramos a Casablanca às quatro da tarde e só fomos resolver tudo lá paras sete e meia da noite.

Depois do jantar saí com uns três companheiros do grupo brasileiro, e fomos andar pelo centro da cidade. Havíamos notado, ao chegar à cidade, que havia mulheres pelas ruas, todas observando o costume de andar com o rosto totalmente coberto. Nessa hora da noite, no entanto, não se via mais uma só mulher árabe. Os cafés estavam cheios de homens, e as poucas mulheres que víamos eram obviamente estrangeiras.

Fomos abordados por um cafetão jovem, vestido meio a cowboy americano, e falando inglês mais ou menos assim: "Uat du you uant? You uant gôrs? We ave gôrs, 14 and 15 year old; all nice family gôrs." Respondemos que não. Não queríamos moças de 15 anos. Ele responde: "Then you uant more younger gôrs; we have bêrgins of 12, 10 and 8 years old". "Não, por favor, vá embora", respondemos. "Há! Then you uant old women, 25 or 30 years, we ave also. Uat du you uant?"

Chocados com o que devia ser um terrível mercado de exploração sexual de criancinhas, nós o mandamos embora mil vezes. Mas ele se fazia de desentendido. Finalmente deu o fora, muito zangado, e foi substituído por um garotinho de 11 anos (assim ele nos disse) com a mesma história, e tão persistente quanto o primeiro. Finalmente um policial viu que estávamos sendo importunados e o mandou embora.

Fora isso, o centro de Casablanca é uma beleza. Fecharam uma rua ao tráfego, plantaram um jardim, com flores naturais (ao contrário da Rua 15 de Novembro, em Curitiba, que tem flores artificiais). De ambos os lados da rua, as lojas são do que há de melhor, butikues finas, etc. No entanto, ao contrário de Curitiba, tudo estava deserto, apenas um homem ou outro passava por lá. Eram 22:00 horas apenas, e a cidade estava deserta, exceto por nós, turistas desavisados.

Casablanca, 07 de julho. O pessoal do curso de espanhol viajou bem cedo. Meu vôo era de 12:00 horas, porém foi-me recomendado estar na estação do ônibus às 09:00. Acontece que o ônibus só saía às 10:00, de modo que fiquei preso lá dentro, de olho nas minhas malas, dando uma volta ou outra, uma vez em quando, para comprar cartões postais, que escrevi

para a família. Finalmente chegou uma moça morena, com ar de ocidental e cara de brasileira. Só quando entramos no ônibus e a vi tentando falar francês com o carregador, misturando francês e português, é que vim saber que era brasileira. Foi ela quem me pôs a par do que ocorria na revolução portuguesa, e prometeu me apresentar a várias pessoas, em Lisboa, que me poderiam ajudar.

Casablanca, 08 de julho. Descobri que a moça, que estava comigo na estação do ônibus, era brasileira. Comecei a falar com ela. Tratava-se de uma graduada em história, diplomada pela Universidade Federal do Espírito Santo – local onde moram muitos parentes meus, alguns dos quais ela conhece. Está há mais de um ano em Portugal, fazendo pesquisas sobre história colonial do Brasil para uma possível tese de doutoramento.

Chama-se Regina Chulam, aparenta ter 22 anos. Estava em Marrakech visitando amigos portugueses exilados em Marrocos, entre eles um amigo que parece ser uma pessoa bem achegada à sua família. Disse-me ser amiga íntima de Maria João Seixas Lopes, secretária particular do Maj. Vitor Alves, membro do MFA, que foi o cabeça do movimento revolucionário, hoje “ministro-sem-pasta e embaixador itinerante”, medida tomada pelos radicais do MFA para afastá-lo do país, pois trata-se de elemento moderado, que serve de fiel da balança entre os extremos de direita e esquerda, assim Regina me informou.

Diz Regina que o Maj. Vitor Alves conta que encabeçou a revolta dos militares, como um movimento de reivindicações de oficiais de elite. Ele e o Cel. Vasco Lourenço, hoje chefe da “Dinamização Cultural” do MFA, foram companheiros de conspiração, de um grupo de 30 oficiais de elite. Estavam então desgostosos com o fato de que oficiais vindos das guerras nas colônias, promovidos interinamente nos campos de batalha, tinham obtido patentes iguais às deles, sem terem cursado a escola militar (fala-se no Brasil que eram formados apenas pelo C.P.O.R. português). Os da “elite” desejavam que os oficiais sem habilitação fossem aposentados ou rebaixados às suas posições originais. Quando menos esperavam, estavam com uma revolução nas mãos e tinham perdido o controle da mesma. Razão: não estavam organizados, ao passo que os oficiais vindos das colônias se tinham tornado comunistas, e estavam com tudo pronto para montar um esquema quase que inquebrantável.

Entre esses oficiais comunistas, os mais bem organizados, mais bem financiados e mais aguerridos são os do MRPP (Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado), também conhecidos como “Maria Rita Pum-Pum”, por causa da sua notória violência – por onde se metem terminam a paus e a tiros. O líder dos MRPP é aparentemente Arnaldo Matos, que no momento encontra-se preso, juntamente com 200 outros desse movimento, desde 11 de abril de 1975.

As invasões das casas em Lisboa, Cascais e outros lugares, têm sido feitas por "saltimbancos", ou seja, grupos de ciganos alegadamente pagos pelos partidos de extrema esquerda. Esses ciganos invadem as propriedades, roubam tudo, e dentro de poucos dias vão embora, deixando tudo quebrado e roubado. Mais ainda, sempre fica alguma pessoa "doente", tomando conta da propriedade, pois, de acordo com a lei portuguesa, a pessoa não pode ser expulsa de lá, por estar "doente".

Regina esteve presente, assim conta ela, à invasão da maior propriedade de Portugal, pertencente a uma família de suas relações. Os campesinos chegaram, selaram a casa grande e demais casas da família (a propriedade era um condado de 242 km²) altamente produtiva. No presente momento não produz mais nada, porque os campesinos deixaram de plantar as safras tradicionais, dedicando-se apenas a cortar cortiça das árvores, para venda aos produtores de vinhos. O mesmo tem acontecido em todas as outras propriedades "nacionalizadas" desta maneira, assim me informou Regina.

O Presidente General Vasco Gonçalves é conhecido como "Nikita Maluco", por causa do seu comportamento. Fala-se que já esteve hospitalizado duas vezes, por insanidade, no Hospital Júlio de Matos. Dizem ainda que no dia que o MRPP foi declarado ilegal, o jornal deles ia publicar (e a edição foi cassada) a ficha psiquiátrica das duas internações de Vasco Gonçalves. No entanto, apesar de sua alegada maluquice, Vasco Gonçalves é um elemento moderador, dentro do MFA.

A verdade é que Portugal tem dois governos, assim afirma Regina: 1) o governo aparente de Vasco Gonçalves; 2) o MFA composto de 200, ou mais, oficiais e seu "Conselho Superior da Revolução" ou "Conselho dos 24". No entanto, as decisões destes dois governos podem ser contrariadas, a qualquer momento, pelo COPCON (Comando do Exército Continental), chefiado pelo General Otelo de Saraiva Carvalho, e suas tropas de elite.

A lei não existe mais. Os advogados estão ficando loucos, porque os velhos códigos não são mais válidos e um novo código não foi ainda elaborado. Exceto que, os códigos antigos, se o Governo assim desejar, ainda podem ser aplicados, como se ainda fossem válidos.

Regina prometeu apresentar-me á Maria João Seixas Lopes para que me apresente ao Maj. Vitor Alves e, através dele, a outras pessoas. Pediu-me por tudo não mencionar o nome dela e dos amigos que foi visitar em Marrakech (nomes que, aliás, não sei, por não m'os haver dito).

Chegamos a Lisboa, onde rapidamente passamos pela aduana, sem ter de abrir as malas. Regina tomou um táxi para onde mora, e me prometeu que falará com a Maria Seixas.

Deu-me seu telefone para chamá-la terça-feira, depois do meio-dia, pois tudo deveria estar então arrumado.

Lisboa, 11 de julho. Cheguei a Lisboa com grande medo e apreensão, pois nossos amigos portugueses no Brasil me haviam contado horrores da revolução. Mais ainda, a julgar pelo que li nos jornais no Brasil, esperava encontrar um tremendo aparato militar e franca hostilidade da parte dos portugueses.

Passsei rapidamente pela aduana, sem me lembrar de passar pela casa de câmbio no aeroporto, de tão nervoso que estava. Tomei um táxi, e só a caminho da cidade é que me lembrei que não tinha escudos comigo. Falei ao chofer do táxi, um sujeito jovem, forte, meio alourado que me informou que os bancos fechavam às 15:30. Parou em frente a um banco, que ainda estava aberto. Saltei correndo, porém tomei a precaução de ostensivamente anotar o número da placa do táxi, para que não fizesse o que um motorista fez com um primo meu no México, e o que fizeram com Ede Bezerra de Mello no Rio, fugindo com as malas deles. Troquei o dinheiro e, para surpresa minha, ao sair o táxi ainda estava lá me esperando.

Disse então ao motorista que Portugal era o único país onde eu faria isso. Ficou muito orgulhoso e falou que na verdade o português trabalhador era homem honesto. No entanto, se eu estivesse nos lugares "quentes" a coisa seria diferente. Contou-me então que quase que era assaltado num restaurante perto do porto, na noite anterior. "Estou ainda muito zangado com uns vadios que estavam lá", falou. "E como sou 100% revolucionário, fico muito zangado vendo gente que não quer trabalhar e vive à custa dos outros. Se pudesse ia lá e fuzilava a todos esses vadios", acrescentou.

Como ainda estava com um pé atrás, sobre a alegada hostilidade dos portugueses aos brasileiros, limitei-me a ouvir a história. Não perguntei nem qual era o partido dele. Notei, no entanto, que me estava observando cuidadosamente pelo retrovisor. Fomos à modesta Hospedaria Lusitana, na chamada Baixa de Lisboa, a qual Henry Keith me recomendara, por ser limpa porém de baixo custo.

Logo depois de um banho, saí pelas ruas para ver o movimento. Havia, como continua a haver, uma forte movimentação no comércio. Há muito que comprar, mas tudo parece bem caro. Uma camisa está por 500 e 600 escudos, ou seja, US\$ 20,00. Mais tarde descobri que o povo está comprando tudo aos montões, pois tudo isso é estoque antigo, e sabem que não haverá mais importações. Temem que Portugal se venha a tornar uma outra Cuba, onde tudo falta. Até os comunistas, dizem-me, estão comprando para o futuro. Tudo isso dá uma falsa aparência de normalidade ao comércio. No entanto, sabe-se muito bem que todas as contas bancárias estão congeladas. Não sei mesmo porque os donos das lojas continuam a vender,

pois já não têm lucros, e o estoque que têm em mãos não lhes pertence mais. Em muitos casos, os empregados já assumiram a gerência dos negócios, como aconteceu nos bancos e em vários hotéis ("auto-gestão", eles chamam isso aqui). Isso foi idéia do historiador Cezar Oliveira, fundador do MES (Movimento de Esquerda Socialista), trazida do Leste Europeu.

Sai caminhando pela Praça dos Restauradores. Alguns jovens do MRPP vendiam literatura política pelas calçadas. Um deles, de aparentemente 17 ou 18 anos, aconselhou-me a comprar certos livrinhos "que são os melhores". Eram livros chineses, sobre a revolução na China. O MRPP prega a violência.

Não há dúvida quanto à violência do MRPP, pelo que já praticaram contra os católicos, em frente ao palácio do Arcebispado. Ainda mais, os jornais deles exigem o fuzilamento dos "PIDES" – membros da ex-polícia de Salazar - e exigem armas "para o povo", afirmando ainda que o povo tem "o direito de fazer violência". As paredes estão cheias de cartazes dizendo: "Morte aos Partidos Traidores", assinado MRPP.

Parecem ser extremamente bem organizados e de terem muito dinheiro. O interessante é que ninguém parece saber de onde vem o dinheiro do MRPP. Dizem que os chineses, que financiam um outro partido, desaprovam completamente do MRPP. Com toda a possibilidade, me informam, o financiamento deles vem da Nova Esquerda Americana ou do Baader-Meinhoff, da Alemanha. A verdade é que ninguém sabe ao certo de onde vem o dinheiro dessa organização.

Lisboa ainda tem bondes. Fez-me lembrar o Recife, dos meus dias de criança. Fui jantar num restaurante recomendado pelo hotel, bem perto daqui. Chama-se "Paris", e a comida, de fato, era boa. No entanto, saiu-me por 122 escudos, ou seja, US\$5.00. Achei caro demais para mim, considerando o pouco dinheiro que trouxe comigo. Vou ter que procurar restaurantes mais baratos, se quiser manter minhas despesas ao nível de \$15,00 dólares por dia.

O garçom do restaurante Paris era muito amável e falador. É um estabelecimento de classe média, e a maioria dos fregueses parecia ser gente de negócios. Contou-me que tinha um grande amigo no Rio, que vinha a Portugal todos os anos, porém este não tinha vindo este ano. "Creio que é por causa da política, aliás, essa muito má política que estamos tendo por aqui", disse ele.

Lisboa, 08 de julho. Acordei lá para as 9:00 horas. Tomei café e passei a manhã tentando ligar para várias pessoas, cujos nomes e telefones me tinham sido dados pelo professor Henry Keith. Não tive muita sorte.

À tarde fui a Alitalia, e na volta passei por uma grande feira de livros. Gastei uma "fortuna" em livros e revistas para me atualizar com a revolução. Pela primeira vez vi os jornais anarquistas, chamados "*O merda*" e "*O retromerdário*". Comprei-os. São inacreditáveis na sua obscenidade e ódio, à vida e à sociedade. Os autores parecem ter prazer em usar palavrões e, como crianças, parecem não ter ultrapassado ainda a chamada "idade anal", pois constantemente se referem a fezes e ânus, utilizando palavras do mais baixo calão.

Jantei num restaurante de trabalhadores. A comida me saiu pela metade do preço do restaurante Paris, e não estava lá muito melhor do que o "*Retromerdário*" que eu estava lendo. A comida estava gordurosa, fria, fedorenta e com aparência de suja. Deus me livre de outra. Voltarei a tomar minhas refeições no restaurante Paris.

Depois de jantar, fui ao cinema. Enormíssimo cinema, apilhado de gente, como se fosse um fim de semana. O filme foi "*A Piscina*", com Alan Delon e Romy Schneider. "Proibido" até 18 anos, porém havia muitas crianças lá, com aparência de 13 e 14 anos.

Ao voltar para a hospedaria, os debatedores políticos no Rossio ainda estavam se digladiando. Esse povo vive de política, come política, bebe política e respira política. É inacreditável.

Lisboa, 09 de julho. Esta manhã, fui à Fundação Calouste Gulbenkian (Av. Berna, 45, tel: 76-2146) para falar com o Dr. José Blanco, diretor de Relações Internacionais, a quem Henry Keith me havia recomendado. Tentei telefonar antes, mas como não consegui penetrar na linha deles, fui lá de qualquer maneira.

Depois de uma hora de espera fui recebido pelo Dr. Blanco. É uma pessoa muito distinta, de aparência jovem. Deve ter uns 41 a 42 anos de idade, pois me falou que foi convocado aos 38 anos, serviu dois anos em Angola e saiu do exército em junho de 1974. Como capitão do exército, participou da revolução, porém ao sair das Forças Armadas desligou-se completamente da política. Muito cauteloso, disse-me que já não conhece ninguém no MFA, pois todos os ex-colegas que eram da organização estão presos ou no exílio. No entanto, dois deles ainda estão funcionando no MFA. São considerados "radicais" pela imprensa brasileira: o General Carlos Fabião e Otelo Saraiva de Carvalho. Deu-me carta de apresentação para ambos, porém me informou que eu dificilmente seria recebido, pois é gente tremendamente ocupada.

Voltei ao hotel para tirar cópia xérox das cartas. Decidi depois não fazê-lo, pois não se pode confiar em ninguém nesses dias. As cartas têm o seguinte texto:

"09 de julho de 1975

Fundação Calouste Gulbenkian

Meu caro Saraiva de Carvalho,

Apresento-lhe Prof. David Gueiros Vieira, da Universidade de Brasília, que me foi por sua vez apresentado por um amigo comum e que tem muito interesse em avistar-se consigo, a fim de recolher elementos sobre o 25 de abril e a Revolução.

Melhor do que eu, o interessado poderá explicar-lhe concretamente o que pretende. Se o puder atender, ficar-lhe-ei grato e nesta data faço idêntico pedido ao Carlos Fabião.

Um abraço amigo do

Zé Blanco"

A carta a Carlos Fabião é idêntica, apenas com os nomes dos destinatários trocados.

No hotel telefonei para a Maria João Seixas Lopes, secretária do Ministro Major Vitor Alves, "Embaixador Itinerante". Disse-me ela que seria difícil falar com o Major Alves, por ter ele recém-chegado de viagem e por estar o Governo "em crise". No entanto, ela estava já montando uma série de entrevistas para mim, com pessoas que ativamente participava e ainda participa da Revolução. Pedi-lhe que tentasse, de qualquer modo, marcar com o Major Alves, ainda que para data posterior. Disse-me para aparecer por lá na quinta-feira (hoje), dia 10 de julho, de manhã ou às 15:00 horas.

Telefonei novamente à Regina Chulam. O telefone que me havia dado para o Fernando Mangualde, oficial de gabinete do Ministro do PPD, Sá Carneiro (que hoje está em Londres, alegadamente numa clínica Médica) não era correto. De qualquer maneira o nome dele, não era Mangualde, era Andrade! Depois que falei com ele, explicou-me que não é Andrade, nem Mangualde, é na verdade Albuquerque! O sujeito tem vários nomes! Sem dúvida, um revolucionário autêntico. De qualquer modo, a Regina deu-me outros números. Localizei-o no 89-3194, que é o da sua residência. Foi muito gentil e marcou para falar comigo hoje (10 de julho) as 11:00 da manhã.

Dei várias informações a Regina sobre a CAPES e as bolsas de estudo disponíveis. Está tentando uma na Gulbenkian, e pensa que não a receberá, porque há muita má vontade contra os brasileiros da parte da chamada "Comissão do Povo", hoje em controle da Fundação. Pouco depois me telefonou de volta, dizendo que a família, dona do palácio onde mora, convida-me a visitar a casa, que é quase que um museu e repositório de preciosos documentos da história do Brasil.

Entrei na "bicha" (fila) dos táxis e dentro de meia hora estava no Palácio. Trata-se do Palácio do Marquês da Fronteira, Largo de São Domingos de Benfica, nº 01, na subida para Monsanto. É enormíssimo, velhíssimo, pintado de rosado, hoje meio recuperado pelo presente

dono. Esperava-me o arquiteto Frederico George, casado com a última Marquesa da Fronteira, cujo filho (dela) herdou agora o título.

O presente Marquês da Fronteira, Fernando de Almeida Portugal, é o tal amigo da Regina que está em Marrakech. É casado. Ela foi com eles, como se fossem passar um fim de semana fora, quando na verdade estavam fugindo. Levaram apenas a roupa do corpo.

A casa é extraordinária. O estilo é português, e como tal um tanto pesado, quando comparado com a arquitetura espanhola, porém muito interessante. Vi a coleção de documentos que é simplesmente inacreditável. Os Marqueses da Fronteira estiveram, por dois séculos (XVII e XVIII), bem ligados ao Brasil. Até agora, informou-me Regina, nenhum historiador brasileiro utilizou esses documentos. Disse-me que as duas famílias são amigas; a irmã de Regina foi também hospede deles quando estudou em Portugal, e agora ela.

Ouvi mil rumores no Palácio da Fronteira. Fala-se que na segunda-feira o Governo quase que caiu, por pressão da esquerda. O Major Vitor Alves e o amigo do MFA, Cel. Vasco Lourenço, bem como o próprio Otelo Saraiva, foram acordados às 02:00 horas da madrugada e alertados de que iam ser presos. Como comandante do COPCON, Saraiva tomou precauções e sustou o golpe. No entanto, as pressões continuaram de modo que ontem, assim falam os jornais de hoje, o MFA aceitou metade do plano da extrema esquerda, de formar grupos de "vigilantes" civis. Esses grupos ainda não são as milícias armadas, *soviets*, que a extrema esquerda quer, porém logo chegarão lá. Basta um pouco de pressão, daqui a uns dias.

O arquiteto Frederico George falou-me que esteve em Brasília, em 1973. Conheceu um professor de arquitetura da UnB, chamado Filgueiras. Manda-lhe lembrança.

Quando eu estava saindo do palácio, entrou uma senhora loura para se despedir da família. É também de família nobre, e esposa do diretor de uma organização internacional. Foram transferidos para os Estados Unidos, como medida de segurança. Disse que o telefone deles está sendo grampeado pelos comunistas. O marido estava na linha, quando escutou uma linha cruzada do próprio Álvaro Cunhal, chefe do Partido Comunista. Era uma ligação de Paris, na qual uma pessoa o alertava que uma organização de direita ia matá-lo. Respondeu Cunhal que pouco se lhe dava, pois essas ameaças lhe eram feitas todos os dias. Não sei se a história é verdadeira, ou é apenas mais um rumor e "wishful-thinking" de quem está sendo forçado a fugir do país.

Saindo do Palácio do Marquês da Fronteira, fui diretamente à casa do Rafael de Farias Domingues Moreira, cunhado de Maria Guadalupe Moreira, minha aluna na UnB. O marido dela é do Itamaraty. Descobri que a família é do Maranhão, porém mora em Portugal, há muito tempo. Rafael Moreira estudou aqui e, no ano passado, terminou o curso de história

na Universidade de Lisboa. Pretende fazer doutoramento em Paris. No momento, trabalha para uma editora portuguesa e, com auxílio de duas colegas, escreve uma história de Portugal, nível médio.

Fomos jantar na Alfama. Antes do jantar saímos a passear morro acima. A Alfama é um lugar inacreditável. De ruas tão estreitas que se tem à impressão que se abrindo os braços pode-se tocar ambos os lados das mesmas. Terminamos ao pé do morro, no famoso restaurante "Parreirinha da Alfama", onde se canta o fado. Algo puramente para turistas, com preços "turísticos": lagosta para dois por \$1.400 escudos! Comemos um prato qualquer, e tomamos vinho.

Cantou fados uma velha senhora com cara de "Tereza Batista Cansada de Guerra". Depois cantou uma jovem, meio gorda, com cara parecida com a da velha, que supomos fosse filha da mesma. Depois cantou um fadista, chamado Tristão da Silva, muito famoso 10 anos atrás. Tem boa voz - barítono ou mesmo baixo. Lá para as 12 horas, houve uma comoção no restaurante, quando entraram quatro homens. Um vizinho de mesa nos informou que acabara de entrar o "Ministro das Comunicações Sociais".

Pedi a uma atendente que apresente meu cartão ao ministro. Ele o lê e pergunta em voz alta quem sou eu. Levanto-me apresento-me a ele, e peço-lhe uma entrevista. Descubro que está com César de Oliveira, historiador do movimento sindicalista de Portugal. Está também com alguém chamado "Comandante Botelho", um tipo simpático, de cabelo e barba ruivos, que é seu chefe de Gabinete. Deu-me um cartão com o número do seu telefone e disse-me que pedisse a Botelho para marcar uma entrevista. O último dos quatro era um americano, fumador de cachimbo, que se apresentou com "Mr. Cole, of N.Y." Desconfiei logo do gringo, não sei por quê. O ministro ficou lá até 02:00 da madrugada, ouvindo música. Pensei que tudo estivesse indo bem no Governo, por estar ele tão descontraído.

Lisboa, 10 de julho. As coisas estão acontecendo tão rapidamente que se eu não as escrever, terminarei as esquecendo. Já estava dois dias atrasados com este meu diário. Por isso, vou pular para o dia de ontem, voltando às minhas primeiras impressões do momento português mais adiante.

Procurei um rapaz que me fora apresentado como revolucionário radical. Hoje descubro que, ao contrário, é um os fundadores do PPD (Partido Popular Democrático). Falamos por uma hora, ao fim da qual o convidei a almoçar comigo.

Almoçamos juntos e ele falou bem honestamente, que está amedrontado, que ainda não saiu do país por ter esperanças de que as forças democráticas ainda possam conter a onda comunista, mas que se o pior acontecer, fugirá para o Brasil. Na entrevista ele parecia

extremamente ingênuo, falando teoricamente do direito do povo, eleições livres, etc. Porém quando não estava sendo gravado, falou mais abertamente sobre tudo, e disse que apenas uma democracia "conduzida" ou "supervisionada" seria o ideal, até o povo português "se educar em assuntos políticos".

De lá saí diretamente para o Ministério das Relações Exteriores. Procurei a Maria João Seixas e fui apresentado a um diplomata chamado Castro Mendes, que se ofereceu a dar uma entrevista, marcada para as 16:30, hoje. Fiquei de telefonar para ele mais tarde. Insisti em falar com Major Vitor Alves e fui informado que o mesmo se encontrava em reunião do Governo, pois havia "crise". Fui então apresentado a um sujeito bem baixinho, de olhos bem juntos, a ponto de parecer zanolho. É encarregado de contatos com a imprensa. Não confiei nele, pareceu-me pessoa desonesta. Ficou de marcar encontros para mim com vários ministros, e no fim deu-me um cartão para falar com alguém no Ministério das Comunicações Sociais. Não o informei que já tinha conhecido o Ministro das Comunicações, na noite anterior.

Já meio atrasado, segui para a entrevista com o Alexandre Bettencourt (Av. Liberdade 177- 2º) que é membro da comissão política do PPD. É também engenheiro químico (como o Fernando Albuquerque). Tem 33 anos de idade, porém parece mais velho. Falamos por quase uma hora e meia. No fim da qual andou telefonando para o Partido Socialista, a fim de marcar encontro para mim, mas lá não havia ninguém, estavam todos na reunião do Governo ("a crise do Governo continua", informou-me). Já eram 18:00 horas e "o Governo" está em reunião desde ontem de manhã. A situação portuguesa, pensa ele, vai se decidir dentro de duas semanas. Teme violência, pois os comunistas estão forçando demais a barra e amedrontando a classe média e os militares tradicionalistas. Teme ditadura e, como as coisas estão essa poderá ser tanto da esquerda como da direita. Teme mais ainda uma guerra civil, caso os "soviets", aprovados pela reunião do MFA de segunda-feira, venham a ser armados. Pareceu-me muito mais pessimista do que o Fernando de Albuquerque. Dava aparência de ser uma pessoa com grande peso nas costas, e muito cansada.

Voltei ao hotel caminhando, pois o último endereço era perto da Praça do Rossio. Havia grande multidão pelas ruas; sempre enormes grupos congregados, ao redor de debatedores políticos.

Eu mesmo estava totalmente exausto da tensão nervosa do dia, e de ter de prestar enorme atenção às entrevistas. Fui para a cama às 19:00 horas, sem jantar e dormi até as 02:00 da madrugada, quando acordei para terminar esta.

Pilhéria do povo a respeito do MFA: o MFA não é mais MFA, é o MFB, pois quase que todos os membros originais estão exilados ou na cadeia.

O MFA se constitui de 240 militares: 120 oficiais, 60 sargentos e 60 praças. Ninguém sabe como esses oficiais sargentos e praças foram escolhidos.

Há um movimento entre os sargentos exigindo igualdade salarial com os oficiais. Há grande indisciplina nas Forças Armadas. Os soldados não obedecem mais a ninguém. Uma única exceção dessa regra é encontrada em algumas unidades do COPCON, em Lisboa, onde os soldados são ainda fiéis a Otelo Saraiva. No entanto, Otelo é um enigma. Ninguém sabe de que lado ele está.

Fernando Albuquerque informou-me que na reunião do Governo, na segunda-feira, ficou decidido que será passada uma lei proibindo a saída de profissionais do país. Temem uma total debandada da classe média, e querem prendê-la aqui. Lembrei-me imediatamente do arquiteto Frederico George, e de seus planos de ir ao Brasil, caso as coisas piorem em Portugal. Ao chegar ao hotel telefonei para a Regina Chulam e informei-a do que Fernando Albuquerque me dissera, porém em termos cifrados, pois a família crê que o seu telefone está sendo grampeado. No entanto, pareceu-me que compreendeu bem o recado.

São cinco horas da madrugada. Acordei com um barulho de discussão na rua, bem em frente à albergaria (discutindo política). Três ou quatro sujeitos parece-me que embriagados, aos berros, estavam discutindo. Coisa típica do Portugal de hoje, que me acordou, e como não posso dormir mais, vou escrever o que fiz ontem.

Lisboa, 11 de julho. Tendo passado a noite toda acordado, escrevendo meu diário (de uma às seis da manhã), senti-me cansado e resolvi dormir um pouco. Dormir até as dez horas, porém me levantei, ainda com sono, para tomar café. Sem dúvida estou de volta aos meus maus hábitos do tempo da tese de doutorado: trabalhando a noite toda, e dormindo durante o dia.

Na hora do café havia um francês tentando ler um jornal lisboeta, que anunciava terem os socialistas se desligado do governo e que os líderes do PPD (social democrata) tinham pedido audiência ao presidente da República. Parece que vão também se desligar da coligação. Se isso acontecer, o Governo ficará apenas com os grupos minoritários. Hoje em dia, os socialistas ("todo mundo sabe"), já têm o voto de 50% da nação. O partido social democrata (PPD) tem cerca de 30%. Sendo assim, os dois em conjunto representam 80% da população. Qualquer tentativa por parte dos radicais da esquerda de forçar uma "comunização" ainda maior, resultará possivelmente no que o pessoal do PPD me falava ontem: guerra civil.

Ao meio dia, Rafael Moreira me telefonou. Está com o automóvel do irmão, que é estudante de medicina, e se ofereceu para dar umas voltas comigo pela cidade. Convido-o a ir comigo ao Ministério da Comunicação Social, tentar as entrevistas que me tinham sido prometidas na Alfama. O Ministério só abre de novo às duas horas da tarde, de modo que o Rafael chegou a essa hora. Passamos primeiro pela Leitaria Suíça, para comer um sanduíche de fiambre, a caminho do Ministério, que fica no Rossio, bem perto daqui.

O palácio do Ministério da Comunicação Social é o velho Palácio da Foz, na Praça dos Restauradores. Hoje está todo coberto de cartazes pichados com dizeres revolucionários. Foi construído no século XVII, pelos condes de Castelo Melhor, porem comprado e restaurado pelos Marqueses da Foz, no século XVIII, que o mantiveram até o século XX, quando foi vendido ao Governo.

Em frente ao palácio, num tapume de construção, um grupo do MRPP estava escrevendo uma mensagem, em fundo amarelo e letras vermelhas:

“ O povo libertou o camarada Arnaldo Matos! ” .

“ O povo libertará todos os antifascistas presos! ”

Há dias o MRPP vinha ameaçando toda sorte de violência, se o Governo não soltasse o líder Arnaldo Matos. Parece que o Governo amedrontou-se e o soltou. Dizem que só em Lisboa e Porto existem cerca de dois mil presos políticos. Desses, duzentos são da esquerda. O restante é composto de “capitalistas” e gente acusada de contra-revolucionária. São mantidos presos, como os MRPP, sem saber por que, sem culpa formada e sem júri.

O Rafael Moreira me informou que o presente Marquês da Fronteira era conhecido como o “marquesinho vermelho”, nos meios estudantis. É considerado violento MRPP, marxista e anarquista. Andava todo rasgado e sujo, dirigindo um velhíssimo Volkswagen. Aparentemente “aburguesou-se”, depois do casamento, e depois que assumiu as responsabilidades do título e das terras da família. O condado (as terras do Marquês) foi nacionalizado – provavelmente era aquele ao qual Regina Chulam se referiu - e o marquesinho alegadamente anda totalmente confuso quanto aos os eventos que estão ocorrendo. O chinelo agora está no pé dele. Seria uma pessoa interessante para entrevistar. Infelizmente não se encontra no país. Está em Marakesh, no Marrocos.

Passamos quase que uma hora esperando a chegada do Ministro das Comunicações. Finalmente, uma secretária veio dizer que o Ministro Jesuíno, o Comandante Botelho e o historiador César Oliveira haviam chegado, estavam muito interessados em dar depoimentos, mas como tinham reunião naquela hora, marcavam a entrevista comigo para a segunda-feira,

15 de julho, às 17:00 horas. Como não tinha nada mais programado, saí com o Rafael Moreira a dar umas voltas pela cidade.

Fomos a Cascais. Seu cassino e famosas praias me pareceram mais perto do centro de Lisboa, do que o Leblon e Ipanema são do centro do Rio de Janeiro. A região está abandonada pelo turismo, e toda pintada de slogans revolucionários, tal como o resto do país. Tem enormíssimas casas, algumas de tremendo mau gosto, em geral de "brasileiros" (portugueses que fizeram a fortuna no Brasil e voltaram para cá). Vi a casa da família de banqueiros chamada Espírito Santo, que fugiu para a Espanha logo depois dos 25 de abril. Dizem que foram dos poucos que conseguiram fugir com alguma coisa.

Passamos pelo cassino. Continua funcionando (vejo hoje no jornal que o mesmo está nas mãos dos empregados). Joguei 20 escudos num caça-níquel, de dois e meio escudos. Ganhei uns cinquenta e queimei-os todos logo em seguida. O sistema do jogo agora pode ser "proletário", mas continua a roubar os bestas da mesma maneira.

Informou-me Fernando Moreira que o dono do cassino morreu de um ataque do coração, depois do 25 de abril, quando as nacionalizações começaram. Além do cassino era dono de vários hotéis e restaurantes. Não agüentou perder tudo.

Fala-se que o número de mortes por ataque do coração, na classe capitalista, têm sido bem alto. Não só isso, mas o número de suicídios tem também sido muito elevado, como nos E.U. A. depois da queda da bolsa, em 1929. Os jornais não noticiam isso, porém é do conhecimento de todos dentro dessa classe.

Passamos pela "Boca do Inferno", que é um montão de rocha vulcânica, no qual o mar cavou um enorme buraco. Dizem que no inverno, quando as ondas estão fortes, dão tremendo estrondos nesse local. Recentemente, estudantes brasileiros (meio embriagados) se aventuraram por lá numa noite, e foram subitamente arrastados por uma onda e esmigalhados contra as pedras.

Na volta passamos pela Torre de Belém, lugar de onde partiu Pedro Álvares Cabral. É um lugar interessantíssimo, um pequeno forte, totalmente medieval (até com ponte movediça), porém construído já em época renascentista e, como tal, com um montão de adornos que não aparecem nas construções medievais "clássicas". O monumento aos exploradores fica lá perto.

Voltamos ao centro, lá pelas 18:00 horas. Depois de algumas voltas a pé, pela Praça dos Restauradores, fui a um pequeno restaurante, recomendado pelo Rafael Moreira, chamado "João do Grão". Já foi famoso, nos seus dias, mas hoje está bem decadente. O serviço foi péssimo. Comi ova de pescado, que me tinha sido recomendado pelo Fernando de Albuquerque. Ova de pescado é o prato tradicional da manhã de Natal, na região do

Tidewater, na Virgínia, onde morei quase 20 anos. Sempre gostei do prato, mas esse prato português, como preparado e servido no João do Grão, deixou-me nauseado. Obviamente não posso comer em restaurante porcalhão. Acho que terei de voltar a comer no "Paris".

Depois do jantar subi a pé pela Av. da Liberdade, em busca do teatro ABC, para ver o que pensava ser uma peça, anunciada com o belo título de "Pra Traz Mija a Burra". Descobri que o ABC fica dentro de um complexo de teatros de rebolado, restaurantes e bares. Para entrar na área, é preciso comprar um bilhete para um deles. Dita peça era uma revista musical, "revolucionária" e "esculhambatória" da revolução. Cenas de canções e ballet revolucionários, fazendo lembrar o que se lê nas revistas sobre o "teatro do povo" na Rússia e na China, estas seguidas de cenas de pura esculhambação.

Por exemplo, dois velhos portugueses, vestidos de saias de babados, de chapéus cheios de flores (como os dançarinos típicos das montanhas do norte), calçando pesadas botas, chegavam de uma excursão à Rússia, onde tinham ido cantar e dançar. Todas as canções portuguesas tinham sido modificadas para a ocasião, entre elas a da "casa portuguesa" que cantava: "Numa casa socialista, com certeza, fica bem pão e vodka na mesa".

Vinha depois uma cena de uma "revolta" num atelier de costura, que fora colocado em auto-gestão. Nina, a dona, era a única funcionária, de modo que Nina, a funcionária, se revoltava contra Nina, a dona, e a chamava de puta e coisas tais. A cena final era uma reunião do Conselho Revolucionário, todos usando máscaras, que eram uma perfeição. Presentes estavam: Cunhal (comunista), vestindo um pijama vermelho; outros dois vestidos de pijama cor de rosa (presumo que socialistas-marxistas); Soares (socialista democrata) de cachimbo na boca, e com cara de burguês; e dois militares vestindo uniformes de combate (como anda o pessoal do COPCON), um deles era obviamente Otelo de Saraiva, e este é quem pronuncia as palavras fatídicas, que davam o título à chanchada: "Então vamos para frente com a Revolução, por que para trás, mijá a burra".

Não compreendi muitas das piadas, porque falavam com um sotaque tão pesado que eu não entendia tudo o que diziam. Mas dei tremendas gargalhadas, que pareciam agradar os atores. Às vezes parecia que eu era o único no teatro a dar gargalhadas.

Na volta para o hotel vi coisa que nunca tinha visto em Portugal: duas prostitutas fazendo o trottoir, super maquiadas, vestidas de saias curtíssimas e rodando bolsinhas. Essas duas foram às únicas que já vi até agora.

Voltei para o hotel e fui dormir, até a hora que os "políticos" embriagados me acordaram com nova discussão.

As coisas aqui, com se vê, até agora ainda não apresentaram os perigos que eu imaginava, e que os amigos portugueses no Brasil me haviam falado. No entanto, as ameaças de guerra civil são muitas, o que me deixa bem apreensivo. Espero em Deus que tudo fique na base da ameaça, e que eu possa sair daqui em boa paz.

Lisboa, 12 de julho. Até agora tudo vai bem, ainda que não tenha conseguido muitas entrevistas, como planejava. Hoje, por exemplo, tinha uma hora marcada com o Secretário do Meio Ambiente, Ribeiro Teles. No entanto, depois de duas horas de espera, abandonei o projeto porque ele estava "em conferência com o Ministro" e ninguém podia me informar a que horas estaria livre. Deixei meu cartão com o recado que voltaria na segunda-feira.

Almocei, comprei um montão de jornais e depois de ler um pouco dormi até as 18:00 horas. À noite saí a ver se encontrava um bom cinema. Só havia idiotice em cartaz. Terminei na rua da Porta de São Damião, uma espécie de Cinelândia (ou seja, cinemas e restaurantes) onde o cartaz varia de "bang-bang", ao que se chama aqui de "pornografia". Vi o filme italiano "Decameron Secreto", que era meio arriscado, porém nada de fato pornográfico, símile aos filmes que temos no Brasil.

Como a noite ainda era "jovem", decidi ir ao cine "poeira" em frente, para ver um filme americano. Não agüentei a coisa. Primeiro veio um "short" português sobre os velhos cinemas de Lisboa. Mal feito, escuro, de sonoplastia terrível, financiado pela revolução, assim dizem, os créditos. Esse foi seguido de um desenho animado iugoslavo (creio eu) imitando Walt Disney, chato que só ele – dormi pela metade. Depois veio o filme americano: nauseabundo. Tudo estava centrado numa mulher, para lá de cinqüentona, porém vestida de garota, mas já bem desgastada, com um tremendo par de tetas que lhe caía abaixo do umbigo. Passava todo o tempo se banhando ou se olhando no espelho. Uma vaca taurina, repulsiva mesmo. Sai dentro de poucos minutos. Pobres portugueses, depois de 48 anos de salazarismo ainda têm de agüentar toda essa porcaria dos idiotas americanos e dos comunistas da Iugoslávia.

Lisboa, 13 de julho. Acordei meio dia. Como ainda estavam servindo o café, comi e saí pela cidade. Andei pelo lado do Hotel Mundial, no qual fiquei da outra vez que aqui estive, em 1970. Bem por trás do mesmo fica a chamada "Mouraria". Tem uma grande praça que, nos domingos, assim descobri, tem uma feira. A feira estava terminando, mas havia ainda umas bancas de discos e "tapes". Bem por trás disso, bem encima das montanha, fica o castelo de São Jorge, onde estive uma vez, em 1970, mas não entrei, naquela época, por ser tarde demais. Desta vez subi a pé, para fazer exercício. A montanha é altíssima, as ruas terrivelmente

íngremes e fazem lembrar a Alfama, exceto que são um pouco mais largas, têm espaço para tráfego de automóvel.

O castelo medieval de São Jorge estava cheio de "turistas revolucionários": espanhóis, franceses, holandeses e outros desse tipo, tipicamente hippie, como é o turismo de agora. Há um restaurante ar condicionado, dentro do castelo, mas não cheguei a entrar porque tinha sido alugado para um casamento. Imaginei quem seria o pobre casal que se unia em tempos tão difíceis. Os automóveis dos que vieram ao casamento pareciam muito bons: Mercedes, Austins, Datsuns, etc. No entanto, pelo que me dizem, podia ter sido o casamento de algum "camarada" do partido comunista, porque o "pelego-comunismo" não é coisa que só aconteceu no Brasil – aqui é a mesma coisa.

Andei umas três horas, subindo e descendo ruas pelos morros, terminei na freguesia da Graça, cansadíssimo. Resolvi então tomar um táxi e ir procurar Manuel de Abreu e Natália, de Brasília, que estão de férias em Lisboa. O endereço era bem longe da Graça. A área tem um bando de novos apartamentos. Encontrei o endereço que me deram, mas parece que não havia ninguém em casa, pois a toquei companhia insistentemente, mas não responderam.

Na volta, o chofer do táxi deu para falar comigo e a falar mal da revolução. Disse que era dono do carro e não admitia que ninguém o tomasse; que "eles" estavam fazendo uma política desonesta, roubando as propriedades das boas pessoas, e que ele não admitia isso. Prognosticou violência, em reação ao que está ocorrendo em Portugal.

Andei mais um bocado para ver se me cansava suficiente para dormir a noite toda. De volta ao hotel, depois de jantar, encontrei um inglês olhando TV no salão principal. Chama-se Milne, é assistente social em Londres, e veio a Portugal trazendo de volta um marinheiro português que enlouqueceu na Inglaterra. O inglês resolveu dar uma de turista por uns dias. Nunca havia saído da Inglaterra e essa era sua primeira viagem ao exterior. Batemos um bom papo, quando entrou um rapaz português, bigodudo, muito parecido com meu primo Everardo, quando era mais jovem. Começamos a falar sobre a Revolução e fomos terminar tomando cerveja num restaurante na rua da Porta de São Damião. Quando íamos saindo do restaurante o rapaz de bigode apontou-me três sujeitos, que disse serem revolucionários angolanos: um era branco, outro mulato (meio amarelo esverdeado) e o outro bem preto.

Paramos para falar com eles. Dei-lhes uma cantada pedindo uma entrevista para o programa de história oral da UnB. O branco aceitou e disse que me apresentaria ao chefe do MPLA, informou-me ainda ser o representante do grupo revolucionário de Angola, em Lisboa. Ficou de me telefonar na segunda-feira. Batemos um bom papo no restaurante, sobre

a situação angolana. O branco é contador de profissão, mas parece ser de educação bem limitada.

Lisboa, 14 de julho. Levantei-me cedo e fui ao Ministério do Meio Ambiente. O secretário Gonçalo Pereira Ribeiro Teles estava “em conferência” de novo com o ministro, mas seu chefe de gabinete, Luis Felipe Coimbra, ofereceu-se para falar comigo. Estava entrevistando-o quando chegou o secretário Teles, pedindo muitas desculpas. É um pessoal muito interessante, o do Partido Popular Monarquista, que de fato não é monarquista, mas “anarco-comunalista”, como dizem eles. Deram a si próprios o nome de monarquistas, mas os monarquistas tradicionais não votaram neles (em geral votaram pelos socialistas). Tiveram apenas 2% do voto na última eleição.

Convidaram-me para uma reunião, na quarta-feira. Vai ser uma reunião com um grupo anarquista. Creio que irei com eles.

Convidei-os a almoçar comigo. O Coimbra aceitou, e quando já íamos terminando de almoçar, num restaurante ao lado do portão da Praça do Comércio, entraram dois senhores, a quem ele convidou para sentar ao nosso lado. Ambos eram socialistas, e ex-membros do Ministério dos Transportes, ministério este perdido por eles, agora que os socialistas se desligaram do governo.

Um dos senhores, chamado Raul Junqueira (alega ser parente distante do escritor Guerra Junqueira) foi chefe de gabinete do Ministro do Transporte. Convidei-o a depor em entrevista. Aceitou, em princípio, e ficou de me telefonar depois. Está começando agora em nova posição, no Porto de Lisboa, e não sabia se teria tempo ainda esta semana.

O outro, cujo nome não entendi, era um louro e parecia muitíssimo com Jim Bradley, o marido de minha prima Agnes Thompson. De qualquer modo, falaram muito, e pelos cotovelos, contra os comunistas. No dia anterior tinha havido violência em Rio Maior, a sessenta quilômetros de Lisboa. Um grupo de duzentas pessoas atacou a sede do PC e do FSP, queimando e quebrando tudo. Deram também uma surra num grupo de funcionários do partido comunista.

O Coimbra “acusou” os socialistas de serem responsáveis pela coisa. Os dois homens riram muito, mas não disseram nem sim nem não, dando a entender, no entanto, que os socialistas tinham algo mesmo a ver com o evento.

Levantei a questão da guerra civil. Disseram que não têm medo de tal possibilidade, pois grande parte do exército é socialista. Ainda mais, afirmaram, não são apenas os comunistas que têm armas, “outras pessoas também as têm” e na sua maioria lutaram também na África. Pareceu-me estarem loucos para começar uma guerra civil. Criticaram

muito o PPD por não ter seguido o OS, desligando-se do poder. Disseram que o PPD dera ultimato ao Governo, até quarta-feira. Caso esses tivessem se desligado do governo, 85% do eleitorado estariam agora "contra o Governo que aí está".

Entre as informações que me deram no restaurante, e que não aparece nos jornais, inclui-se o seguinte: Humberto Delgado, o velho rebelde contra Salazar, como se sabe, foi assassinado, na Espanha, pela PIDE (a velha polícia secreta de Salazar), porém quem o localizou, e o entregou à PIDE, foi o Partido Comunista Português. Álvaro Cunhal tinha estado com Delgado, pouco antes dele ser morto. Essa é uma acusação que está sendo feita muito freqüentemente ao PC. Tanto assim que esse fim de semana, o jornal comunista *O Templário* saiu-se com artigo negando tal coisa. Alega-se que o General Galvão de Melo, que tomou conta dos arquivos da PIDE, tem prova disso. Galvão mandou (assim consta) microfilmear todo o arquivo e enviou cópias do microfilme para o exterior, para a França e Alemanha, com ordens de ser publicado caso algo lhe aconteça. Por essa razão, apesar dele ser considerado um "contra-revolucionário", ninguém até agora teve coragem de tocar nele.

Os arquivos da PIDE estão agora em mãos do PC, que com certeza vai querer, ou já o fez, destruir toda a evidência de que por muitos anos colaborou com o Salazarismo, a fim de matar todo e qualquer movimento democrático em Portugal, assim me afirmaram os jovens socialistas. Todas as revoltas e tentativas de revolução que houve, foram contestadas pelo PC. Fala-se que Vasco Gonçalves, de há muito membro do PC (e agora é Primeiro Ministro), em 1959, quando houve a revolta de Humberto Delgado (em 11 de março de 1959) passou ao exército um recado do PC dizendo: "não contem conosco". O PC só entrou nessa revolução de agora porque já havia gente suficiente no exército para dominar a situação, e porque obteve enormes concessões na já famosa reunião secreta na Espanha ou França, quando os oficiais do exército se reuniram com os partidos políticos. Daí terem os comunistas podido tão facilmente dominar a situação atual.

O que os brasileiros chamam de "pelego comunismo", dizem, é o que vai destruir o PCP agora. Dominam três ministérios bem como as comissões e gerenciamento das firmas "nacionalizadas". Como gerentes, dão a si próprios salários de 80 e 100 "contos" por mês. "Cem contos" hoje são equivalentes a cinco mil dólares. Andam de Mercedes Benz, tomaram as casas dos capitalistas em Cascais, Estoril e no Algarve, onde passam seus fins de semana. Ainda mais, estão dando uma de super esnobes, fechando as praias públicas para seu próprio uso e de suas famílias, não permitindo que outros as utilizem, para não terem de se misturar com o povo. Isso me foi dito pelos monarquistas e pelos socialistas, e é também gritado e

escrito todos os dias pelos radicas do MRPP, que os chamam de "aburguesados e sócio-fascistas" .

Quando ouviram falar que eu ia entrevistar o Cel Jesuíno e outros do ministério da Comunicação Social, informaram-me que esse é o grupo mais inteligente do lado comunista. Jesuíno é PC de há muito, antes mesmo da revolução. O mesmo se diz do Comandante Montez, chefe da Informação, que foi professor da Escola Naval e abertamente atacava Salazar e pregava o socialismo. O César Oliveira (historiador) é comunista de longa data, mas um aproveitador. O Comandante Botelho Leal (chefe do gabinete) não é conhecido por eles.

Gozação: dizem que o Cel Jesuíno é filho de mãe francesa e pai português: é "je" por parte de mãe, e "suíno" por parte de pai.

A questão de guerra civil voltou a ser discutida. Os socialistas dizem que nada acontecerá antes do PPD se manifestar, desligando-se do Governo, e antes das férias terminarem. Membros do PPD, no entanto, na semana passada, já me falavam de uma solução violenta, antes do fim do mês. No entanto, diziam que a ação inicial partiria do PC, e não deles.

Ao voltar ao hotel (às 15:30), encontro recado do Aníbal (o angolano branco) que estaria esperando por mim em frente ao "Bar Piquenique", no Rossio, ("Picu-nicu" como escreve o rapaz da portaria). Saí correndo para o mencionado bar, onde o encontrei. Falou-me que ali era o ponto de encontro dos angolanos. De fato, é um ponto cheio de negros. Esteve em conferência com dois deles e veio me dizer que o homem importante mesmo, uma espécie de embaixador do MCPA em Lisboa, a quem Aníbal quer que eu entreviste, não estava disponível. Com certeza, por causa da situação em Luanda, que estourou durante esse fim de semana, com luta intensa por toda a cidade (200 mortos). Hoje à noite, no hotel, meu amigo com cara de Everardo, que trabalha em uma companhia de navegação, disse-me que receberam telex de Luanda, informado que o escritório deles iria fechar, porque todo mundo tinha fugido da cidade.

Mais tarde, encontrei-me novamente com Aníbal, que me prometeu localizar o chefão angolano até amanhã, às cinco da tarde.

Encontrei-me com Rafael Moreira e fomos ao Ministério da Comunicação Social. Lá fomos recebidos por César Oliveira, que alegou não nos poder ver naquela hora por causa de uma reunião de emergência. Uma secretária entrou para informar que "outro" automóvel transportando jornais tinha sido atacado, queimado, e o "motorista" quase que morto. Eu e o Rafael presumimos que seja o jornal "República", e que os responsáveis são os socialistas, em vingança, porque o governo tomou-lhes aquele jornal e o passou ao PC. Ainda mais, o novo

jornal que os socialistas estavam fundando foi torpedeado de saída. O próprio César Oliveira, assim me informaram hoje os monarquistas e socialistas, já redigiu uma lei, proibindo o licenciamento de novos jornais em Portugal, a fim de matar toda a comunicação dos socialistas. A escalada, tão esperada por todos, parece que já ter começado.

O encontro do pessoal do Ministério da Comunicação foi remarcado para quarta-feira. No entanto, creio que haverá nova crise, desta vez será o desligamento do PPD.

Mantive uma longa conversa com Rafael Moreira. É socialista, e diz que se houver um socialismo democrático em Portugal ficará aqui, em vez de ir para o Brasil, com estava planejando.

No Rossio, o chamado "Grupo Samba", brasileiro, que andou aqui fazendo encenações de peça ao nu (que não foi bem sucedida, diga-se de passagem) estava dando um show de batucada. Todos os participantes estavam vestidos de andrajos e sacos de farinha. Estavam anunciando uma nova peça, que vão encenar. São jovens e todos de boa aparência. O batuque estava muito bom. Tentei captar um pouco do mesmo no meu teipe, que saiu mais ou menos bem.

Tenho tido muita saudade da família, e por um tempo até que andei arrependido de não ter insistido na vinda de minha mulher comigo. No entanto, agora que as coisas estão esquentando, e se está falando tanto em guerra civil, vejo que meus temores, de fato, não eram tão sem fundamento, e que a presença dela aqui me deixaria ainda mais nervoso.

Lisboa, 15 de julho. Levanto em boa hora para chegar ao Ministério do Instrumento Social e Meio Ambiente, a fim de obter um livro sobre os monarquistas que o Luis Felipe Coimbra me havia prometido. O Coimbra não estava, e a secretária não sabia se ele ia aparecer hoje ou não. Não tenho nenhuma outra entrevista marcada até 17:00 horas, com uns angolanos. Passo numa livraria e compro um novo livro de Álvaro Cunhal, intitulado "A Revolução Portuguesa". Na verdade é apenas uma coletânea de artigos e capítulos de vários livros dele, especialmente o hoje esgotado "Rumo à Vitória". Sinto que tenho de colocar as entrevistas de lado e começar a ler sobre o que essa gente pensa, a fim de poder melhor entrevistá-las.

Li até as 17:00 horas, quando o Rafael Moreira me telefonou, dizendo que me encontraria amanhã, para uma entrevista com o César Oliveira.

Saí pelo Rossio rumo ao restaurante Piquenique. Lá me encontrei com o angolano Aníbal, que me apresentou a dois caboverdianos, que se ofereceram para serem entrevistados. Para minha surpresa, eram não apenas estudantes universitários, como também conservadores: democratas, anti-socialistas e anticomunistas. Ambos planejam ir para o

Brasil, por acharem que não há condição de vida para eles, quer seja no Cabo Verde ou em Portugal.

Antes mesmo de terminar minha entrevista com eles, chegou o Aníbal com um preto, o tal que é representante do MPCA em Lisboa. Chama-se Fausto da Luz, e é estudante de pós-graduação na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Lisboa.

Entrou muito "duro", dizendo que primeiro queria saber quem eu era, e o que fazia aqui. Mostrei-lhe minhas credenciais, e meu cartão funcional da UnB. Mas ele insistia saber do meu ponto de vista político ("sou historiador – sou apolítico"). Argumentou que nenhum historiador pode ser apolítico, e deu-me uma grande lição sobre a Angola, sobre a situação portuguesa, relações Angola-Brasil, e sobre a obrigação de todo historiador ser revolucionário. No final, saiu bem mais amigavelmente, dizendo que consentiria ser entrevistado, mas que eu telefonasse para ele, informando-o de antemão o que iria perguntar, a fim de que ele pudesse se preparar. Disse ter um amigo brasileiro, chamado Paulo (não sabe o sobrenome) na Universidade de Lisboa. Sugere que o Paulo participe da dita entrevista. Fiquei meio chateado com as maneiras do sujeito. Mesmo depois de ele ter mudado de atitude, ainda o considero pessoa perigosa. Vou mandá-lo às favas.

Depois da saída do angolano, fui ao saguão do hotel, onde estava um grupo falando com uma moça, que acabara de receber um telefonema dos pais, em Luanda. Chama-se Paula, e está em Lisboa alegadamente para tratamento de saúde, se bem que me pareça bem saudável. De acordo com o que dizem, parece ter leucemia. Contou histórias bem interessantes sobre o que tinha visto por lá. Resolvi entrevistá-la, mas no final das contas foi péssima entrevistada, pois é do tipo que congela diante de um gravador.

À noitinha, estava falando com o inglês Ian Milne, aquele que trouxe o doido para Portugal, quanto este sugeriu que fossemos ver o comício do Partido Socialista, marcado para as 19:30 na Praça São Pedro de Alcântara, no "Alto". Chegamos lá, já com uma hora de atraso, porém Mário Soares não tinha falando ainda. Havia uma multidão tremenda, levando bandeiras vermelhas, com a imagem de um punho esquerdo cerrado, que é o símbolo deles, ao contrário do símbolo do PC, que é punho direito cerrado. Na verdade, o Partido Socialista português alega ser "Marxista Autêntico". Pelo que vejo, a única diferença deles com o movimento comunista é que o Partido Socialista aqui é "democrático", quer chegar a uma sociedade socialista através do voto e da vontade popular, e não pela ditadura, da violência e da imposição de sua vontade, pela força.

O comício estava muito interessante, com slogans gritados a todos os momentos, e tudo muito animado. Deram vaia no Otelo Saraiva, quando seu nome foi mencionado, e também

gritavam "o povo não está com o MFA". Um médico espanhol, comunista, da ilha das Canárias, originariamente de Bilbao, e com tal basco, estava horrorizado com o comício. Dizia que aquilo era o fim da Revolução, que era o começo de uma guerra civil, e que a revolução portuguesa estava ao fim. Contou que tem um amigo da mesma idade, oficial do exército espanhol, e que esse amigo anda participando manobras do exército espanhol na fronteira portuguesa. Afirmou ainda que o exército espanhol se prepara para intervir em Portugal. Era difícil ouvir o que o ele dizia, pois havia uma velha "esganiçada", bem atrás de nós, gritando como uma louca.

Então a multidão começou a gritar: "vamos à República". Um grupo de homens, vestidos de camisas azuis, começou a se formar, e em pouco tempo desapareceu dali. O espanhol e um português, que falava com ele, subitamente desapareceram também. Em breve o espanhol voltou, atônito, disse não haver um só soldado do COPCON defendendo o edifício da "República". No entanto, todos sabem que o grupo comunista que se apoderou do jornal, está fortemente armado de metralhadoras, e não precisa da defesa do COPCON. Perguntei a um dos socialistas que gritavam, que pretendiam fazer na "República", e se não sabiam que o pessoal lá estava armado. Respondeu um deles que pretendiam apenas marchar em frente ao jornal, gritando slogans de protestos e nada mais. Não pretendiam fazer uma invasão da propriedade, explicou.

Mais tarde fui informado, por um sindicalista, que mora no meu hotel, que o edifício da "República" estava cheia de gente armada, do PC, MRPP, MES e outros grupos radicais, e que se os socialistas lá aparecessem seriam recebidos à bala. O Mário Soares, no entanto, resistiu à pressão dos populares, e não consentiu na marcha contra o jornal.

Saímos um pouco antes do final do comício. Estávamos lá havia três horas, em pé, e eu já estava exausto. Fomos jantar na Rua do Portão de São Damião e ao voltar ao hotel ainda "batemos papo", com o pessoal de lá, sobre o comício, até as quatro horas da manhã.

Lisboa, 18 de julho. Mais uma madrugada sem poder dormir e sem querer me levantar para ler ou escrever, porque sei que terei amanhã um dia terrível, se não descansar agora.

Não me lembro mais se escrevi sobre o que fiz anteontem. Não foi quase que nada. Esta semana as coisas se complicaram politicamente, de modo que não fiz quase nada em termos de entrevista. Assim, volto à data de anteontem.

Lisboa, 16 de julho. Passei a manhã lendo os jornais e o livro de Cunhal. À tarde, como tinha prometido telefonar para o César Oliveira, da Comunicação Social, telefonei e

descobri que ele não estava, e só voltaria lá para as 18:00 horas. Abandonei então esse projeto por um tempo.

Tomei um táxi e fui à Biblioteca Nacional, para falar com o professor Antônio Henrique de Oliveira Marques, diretor da mesma. Um tempo atrás seu nome me fora recomendado pelo professor Henry Keith, como alguém que poderia lecionar na UnB. Isso foi antes da escalada esquerdista na Revolução portuguesa. Aparentemente, ele é homem de esquerda, razão pela qual o colocaram nesta posição.

Oliveira Marques estava "em conferência", de modo que deixei meu cartão pedindo uma entrevista para o outro dia. As coisas aqui não funcionam muito bem. Ao contrário de Brasília, os edifícios do governo estão espalhados por toda a cidade, de modo que se perde muito tempo viajando de um para o outro. Mais uma tarde perdida.

Lisboa, 17 de julho. Hoje resolvi sair cedo e, de uma maneira ou de outra, fazer alguma coisa. Telefonei para o Ministério das Comunicações, e o secretário do César Oliveira informa-me que me receberá "sem falta" na segunda-feira, às onze horas da manhã.

Telefonei para a Biblioteca Nacional, e fui informado que o Oliveira Marques viajará este fim de semana, e que por isso terá pouco tempo para me ver. No entanto, me receberá, se eu for lá imediatamente.

Chego na Biblioteca as 11:20, mais ou menos, e sou recebido imediatamente. O Oliveira Marques é um tipo de aparência jovem, dando a impressão de ter uns trinta e poucos anos apenas. É relativamente alto, de cabelo preto, de barba sem bigode.

Foi muito amável, porém disse que como está de viagem para Madeira, tem mil coisas a fazer em preparação, e não tem tempo para uma entrevista prolongada. No entanto, se eu ficasse até a primeira semana de agosto poderia fazê-lo. Isso não posso fazer, visto que minha estadia em Portugal já se prolongou demais, e estou negligenciando meu trabalho principal, que é o de pesquisar nos arquivos ingleses.

César Marques deu-me o nome de vários historiadores que poderiam ser entrevistados. Deu-me também o nome de vários outros historiadores que estão desempregados, especialmente gente vinda das colônias recém-liberadas. Alguns são simplesmente gente democrática, ou da direita, que foi "saneada" pela revolução.

Ao sair da Biblioteca já era meio-dia. Almocei, e depois do almoço fui procurar uma livraria evangélica, que visitara em 1970, a ver se conseguia uma carta de interesse por alguns exemplares de meu livro. Não a encontrei e não consigo mais localizar o nome da mesma no catálogo telefônico.

Terminei indo ao Palácio Patriarcal, no campo de Santana, a ver se entrevistava alguém sobre o problema Igreja/Estado. Fui informado que há um padre, Monsenhor D. José Maria dos Reis Ribeiro, encarregado de dar explicações à imprensa. Estará disponível amanhã às nove horas.

Houve um comício ontem à noite em frente ao Palácio de São Bento, que é a Câmara de Deputados, onde se reúne a Constituinte. Foi comício da extrema esquerda, não se sabe se liderado pelo PC ou se por outros grupos mais radicais. Foi reunião contra a Constituinte, exigindo que a mesma seja dissolvida. Esta vai ser a nova escalada da esquerda, e sem dúvida do próprio MFA. Vai alegar que essa é uma exigência da "vontade popular". A Constituinte provavelmente será a próxima a morrer.

Grande movimentação na cidade. O MRPP está colocando cartazes por toda parte, convocando o povo para um comício monstro em Campo Pequeno, para sexta-feira. Sem dúvida é quando vão exigir e dar ultimatos ao MFA para a dissolução da Constituinte. Os socialistas andaram também distribuindo convites para um comício no sábado, já anunciado por Mário Soares, no comício da segunda-feira passada. No entanto, o MRPP, que é grupo com apenas 2 ou 3% do voto, tem muito mais dinheiro e aparece muito mais do que o Partido Socialista.

Nos jornais de hoje, o MRPP se gaba do grande número de estrangeiros que está aqui "ajudando" a "verdadeira revolução". Na sua maioria são alemães do Baader-Meinhoff, perigosa organização terrorista da extrema esquerda alemã. Mas há também grande número de franceses, suecos e espanhóis. Esses estrangeiros, afirmam os jornais, participaram do ataque à Constituinte, gritando "solidariedade com Portugal".

Ontem à noite o PPD, partido democrático, abandonou o Governo também. O poder está agora em mãos do MFA, do PC e dos radicais. Não sei o que a maioria democrática pretende fazer. Soares ameaçou uma "greve total", como uma demonstração de força, mas até agora o "Bochechas", como o apelidam os extremistas, em grande gozação, ainda não teve coragem, ou condições, de fazê-lo. Talvez a reunião do sábado seja para isso. O grande problema é que os socialistas, tendo perdido o jornal a "República", estão completamente sem meios de comunicação. Essa foi sem dúvida a grande jogada do PC, e dos radicais: silenciar os democratas, através do confisco dos jornais e das estações de rádio. O povo hoje, para realmente saber o que está acontecendo, tem de ouvir o programa de notícias da BBC de Londres, em português. Isso já foi me dito por muita gente.

Comprei "O Globo", do Rio de Janeiro, para ver o que está acontecendo no Brasil. Os jornais de Lisboa, no que se refere a assuntos internacionais, são piores do que os de Brasília,

ligados puramente aos assuntos nacionais. Os de Portugal estão em febre revolucionária, e não dão notícia de coisa alguma lá fora, a não ser que esteja, de alguma maneira, relacionada à Revolução.

Comprei um montão de livros, antiqüíssimos, pelo equivalente a US\$ 3.00 cada um. Estavam empilhados na calçada, na Praça dos Restauradores, sendo vendidos quase que de graça, pelos chamados "saltimbancos". O chefe da Biblioteca Nacional me havia falado disso. Em alguns casos são pessoas de classe média alta que estão passando fome, e começam a vender tudo que têm dentro de casa. Outros são livros roubados mesmo, pelos chamados "saltimbancos". Os livros que comprei são todos de 1600 e 1700, e me contaram os vendedores que havia lá uns com data de 1500, mas que já tinham sido vendidos. É uma pena ver isso.

Lisboa, 18 de julho. Logo pela manhã, saí para o Palácio Patriarcal de Lisboa, Praça de Santana, 45, onde mora o Cardeal D. Antônio, Patriarca de Portugal. Pelos retratos que vejo, parece ser um tipo alto, jovem, de cabelos pretos e aparenta ter muito carisma.

Meu encontro foi com o Padre D. José Maria dos Reis Ribeiro, chefe da Comunicação do Patriarcado. Falamos por uma hora, mas a gravação levou quase que duas horas por causa das freqüentes interrupções. A situação da Igreja, de fato, é bem precária, apesar de - de acordo com o padre - ter ela feito muito pela Revolução, antes de 25 de abril de 1974. Mesmo assim os jornais da esquerda a acusam de ser contra o povo etc, etc.

Vi as janelas do Palácio quebradas pelos desordeiros de esquerda, em manifestação contra o patriarcado. Algumas tinham grades na frente dos vidros, de modo que para quebrá-las foi necessário meter um pau por entre as grades. Quebraram 39 vidros.

Ao voltar ao Rossio, encontro nas paredes um montão de anúncios do PCP, dizendo que os socialistas planejam para o sábado um comício que é, de fato, uma marcha contra Lisboa, de gente de toda a vizinhança, que vem dar "um golpe de Estado". Conclamam todos os trabalhadores a barricar as estradas, e não permitir o acesso da alegada marcha, e não permitir que os socialistas se reúnam de maneira alguma. Isso é uma chamada aberta à violência e, parece-me, só pode resultar no começo da tão esperada guerra civil, tão desejada por todos.

À tarde vou procurar o professor Joel Serrão, que é amigo íntimo do Ministro do Exterior, Melo Antunes e do professor Francisco Pereira de Moura (que também é ministro). Serrão falou que em face de grande crise política, ele duvida muito que os ministros tenham tempo de se encontrarem comigo. Propôs, então, que eu procure os deputados na Constituinte, que seriam mais fáceis de entrevistar. Deu-me o nome de dois ou três, através de quem poderei contatar outros.

Na volta passo pela Praça dos Restauradores. Comprei por 100 escudos (US\$ 4.00, ou seja, Cr\$ 32,00) um dicionário enormíssimo, latino-português, com data de 1739, em perfeito estado, tanto a capa, como as páginas. A mulher que vende livros velhos prometeu-me que no sábado terá muitos outros livros, também antigos.

No hotel, um grupo de "turistas socialistas" discute se deveriam ir ao comício do MRPP ou se do PCP. Só assim descobri que Álvaro Cunhal falaria à juventude comunista portuguesa, naquela noite. Escolhi ir ouvir Álvaro Cunhal.

No ponto do ônibus havia outro grupo estrangeiro, indo para a reunião do Cunhal, que estava programada para o Ginásio dos Desportos, Praça Eduardo VII. Uma francesa gorda, feia, e de aparência bem suja, contava como as coisas estavam " *graves, três graves ici en Portugal*". Dizia que os "camaradas" do PCP estavam todos de alerta, que estavam se armando, e que vão formar barricadas contra a marcha socialista. O diagnóstico feito por ela é igual ao que faço desde há poucos dias – estamos num ponto crucial da revolução, que a partir de agora esta ou cai nas mãos dos comunistas e radicais, ou volta para a classe média.

A reunião do PCP estava marcada para 21:30, mas só começou lá para as 22:20. Gritaram muito. O sistema de autofalante, dentro do ginásio, não dava boa acústica, de modo que era difícil compreender o que os oradores diziam. O teipe que fiz na ocasião, quase que não se compreende. Lá para as 23:00 horas entrou Álvaro Cunhal.

Sem dúvida alguma Cunhal tem o carisma dos chefes. Homem de estatura mediana, um pouco mais baixo que os jovens líderes no palanque, já aparentando um pouco de gordura (que não tinha antes nos retratos que vi) com vasta cabeleira toda branca (prateada mesmo) e sobrelhas pesadas e bem pretas, dando assim ao seu rosto um tremendo contraste e uma aparência felina. É carismático, e cheio de magnetismo animal, sem mesmo ter de abrir a boca ou dizer coisa alguma.

Falou mais ou menos o que os comunistas vêm dizendo até agora: que os socialistas têm todo o direito se reunirem, conquanto se reúnam em poucos números e não representem uma ameaça à ordem pública, ou ao regime. Disse mais, que naquele momento tinha recebido telefonema de Aveiro, informando que a sede do PC local tinha sido atacada, por uma multidão de desordeiros e "anti-revolucionários" locais, e que o COPCON tinha interferido.

Continuou falando que o chefe do COPCON, no Porto, estava pessoalmente tomando parte na barricada, para prevenir a reunião socialista naquela cidade. Disse ainda que o COPCON em Lisboa estava "ao lado do povo", para fazer o mesmo aqui. "O povo" delirou (havia ali apenas umas 5 a 6 mil pessoas) e a informação, a ser verdadeira, me parecia selar o

fado da revolução, com o COPCON totalmente ao lado do PC, a ser verdade o que Cunhal afirma.

Hoje, no entanto, descobro que a reunião do Porto ocorreu normalmente, e que, ao contrário, o COPCON que lá estava para "ajudar o povo", e de fato serviu de elemento moderador. Houve apenas umas poucas pancadas, depois da reunião, mas envolveu certos grupos de socialistas, que ficaram para trás, discutindo com os comunistas, que os atacaram quando não mais havia uma multidão que os socorresse. Rafael Moreira me informa que o COPCON anda distribuindo folhetos em Lisboa (o qual ainda não vi) pedindo ao "povo" moderação, que volte para suas casas e abandone as barricadas. O "povo", na verdade, é apenas um pequeno grupo de comunistas, bem organizado e aguerrido. Agora mesmo, passa pelo hotel uma carreata de socialistas, com bandeiras, convocando todos ao comício de hoje.

Apesar de todo o temor que tenho, creio que vou enfrentar a coisa e ir assistir essa reunião. Dois dos empregados da portaria do hotel, que são socialistas, apareceram hoje armados de enormes porretes, que levarão para o comício. Vão dispostos a tudo. É boa coisa que o português não é como o nordestino brasileiro, de modo que não anda armado com faca e pistola.

Rafael Moreira telefonou-me há pouco, convidando-me para almoçar na casa dele amanhã.

Observação: com toda essa febre revolucionária havia total e absolutamente esquecido que sairei de Lisboa na quinta-feira, 31 de julho, ou talvez postergue até domingo, 03 de agosto. De qualquer maneira, o primeiro tiro que derem por aqui, começando guerra civil, será o sinal para eu tomar o primeiro avião para Londres.

Acabo de voltar de um almoço na casa do Rafael Moreira. Estavam lá um primo dele e esposa, que moraram no Recife até 1973, mas tiveram de voltar para cá por causa da saúde dela. É construtor, e foi um dos empreiteiros do prédio da Sudene no Recife. Estava também a senhora mãe do Rafael. Gente muito fina, agradável, amável, e muito bem educada. Um primo deles é ex-coronel do exército e ex-chefe do Gabinete de Costa Gomes, o Ex-presidente da República. Vão falar com Costa Gomes, a ver se ele aceita dar-me uma entrevista.

Passéi pelo Hotel Tivoli, que fica no caminho do meu hotel, a ver se José Honório Rodrigues havia chegado, conforme me falara em Brasília. Não chegou nem tem reserva. Com certeza foi para outro hotel.

Lisboa, 19 de julho. Como se trata de fim de semana, dormi até 10 horas da manhã. Tomei café e depois comecei a fazer pacotes de livros para mandar para casa. Quando terminei eram já 13:30 e o correio estava fechado, pois fecha às 13:00 horas, nos sábados.

Lá para as 14:00 horas desci e me encontrei com um italiano, que trabalha para uma companhia de navegação. Convidou-me para almoçar uma feijoada num restaurante “brasileiro” na Av. da República, 14, chamado “O Galeto”. Saímos. No Rossio uma multidão olhava novos cartazes, desta vez colocados pela UDP (União Democrática Portuguesa) conclamando o povo para não participar das barricadas comunistas, pois “tudo estaria sendo feito a comando de e a benefício de “Moscou”, do mesmo modo que tudo o que os socialistas fazem é a “mando dos Estados Unidos”.

O mencionado restaurante, de brasileiro só tem o nome. É um restaurante português em estilo lanchonete que, nas quintas-feiras, assim descobrimos, serve feijoada brasileira. Como já estávamos lá, almoçamos, de qualquer maneira. Devorei um prato de carne de carneiro, que não estava muito mau.

Voltamos do almoço lá para as 16:00 e, como estava ainda com sono, dormi o resto da tarde em preparação ao comício socialista nesta noite.

As 19:30 tomei um táxi para a Alameda Afonso Henriques. Trata-se, de fato, de um enorme parque que começa no topo de uma colina, desce pelo vale e sobe colina acima do outro lado. Numa das extremidades há uma fonte luminosa. Foi em frente à fonte que montaram o palanque do comício.

Quando cheguei já havia uma grande multidão cobrindo todo o parque, com bandeiras vermelhas. Parecia uma multidão num piquenique: havia muitas criancinhas e o povo todo sentado na relva, comendo sanduíches de sorvete.

Notava-se, no entanto, que a multidão não estava de tão bons modos quanto da outra vez. Olhavam-me muito desconfiadamente, por causa do gravador, assim descobri. Da outra vez, vinham se oferecer a falar no gravador e dar suas idéias. Desta vez me marcaram como “jornalista comunista russo” e, como tal, inimigo dos socialistas.

Lá para as tantas, passou um caminhão do COPCON, cheio de soldados. Subiu a rua e parou na altura do palanque. O povo vaiou-os e um grupo de rapazes, de aparência bem resoluto, começou a correr em direção á viatura, com ar de quem vai brigar. Em poucos minutos o veículo foi embora. Poucos minutos depois o mesmo, ou um outro caminhão apareceu na altura do centro da praça, e começou a subir a rua. Dessa vez a multidão correu enfurecida para o meio da rua, e não permitiu que subisse em direção ao palanque. Forçaram-nos a desviar o curso. Só fui saber do ocorrido hoje, porque na hora, de longe, só via cabeças e movimentação.

Falei com um pessoal de uma comissão de ajuda aos refugiados de Angola. Apresentei-me a certo senhor, que estava lá com cara de chefe, e foi muito boa coisa que assim fizesse,

pois em poucos minutos, quando me aproximei de uma barulheira, para ver do que se tratava, alguém notou meu gravador e me acusou de ser repórter do "Diário de Notícias". Esse jornal é o grande inimigo dos socialistas, contra quem escreve um montão de acusações e, de acordo com os socialistas, histórias "inverídicas". Informei-os que não era jornalista do Diário. "Então é do Pravda ou do Izvestia", me acusou um sujeito magro, e evidentemente bem embriagado. A coisa já estava engrossando para meu lado, vendo eu a hora de apanhar uma surra ali mesmo, quando aquele senhor angolano, com quem estivera falando, interferiu dizendo que eu era do Brasil, e que me deixassem em paz. O sujeito magro ainda gritou que me devia dar umas porretadas, e tomar-me o gravador. Procedi mais cautelosamente, daí por diante, pois os socialistas estão ficando desesperados, e bem paranóicos, com o assunto da espionagem russa em Portugal.

O evento acima descrito demonstra duas coisas: 1) a frustração e o revanchismo do PS, em face dos grandes abusos que tem sofrido às mãos do Partido Comunista e de seus aliados militares; 2) o que se fala muito por aqui, é que há um montão de "jornalistas" russos e de outros países da cortina de ferro, falando perfeito português, com sotaque brasileiro, mas que na verdade são espões e agentes do governo soviético.

O comício propriamente dito só foi começar lá para as 22:00 horas (estava programado para começar as 19:30) porque, diziam, Mário Soares não havia chegado ainda. Contava-se que ele vinha do Porto, de automóvel, e que tinha sido preso nas barricadas, na entrada de Lisboa. Sem dúvida eram puros rumores, que só serviam para exasperar o povo mais ainda.

Finalmente, os primeiros grupos de fora de Lisboa começaram a chegar, de caminhão, e pouco depois outro grupo que vinha a pé mesmo. Aparentemente as pessoas saíam do metrô, cuja estação fica no centro da praça, de modo que eu, de onde estava, só via os que chegavam a pé, e pensava que tinham vindo das ruas laterais. Depois fui informado que tinham abandonado seus automóveis e ônibus na estrada, por trás das barricadas comunistas, e tinham vindo a pé, caminhando quase que a tarde inteira.

Os socialistas tinham criado uma espécie de ponte de automóveis, indo do centro até as barricadas, apanhando os socialistas visitantes do lado de dentro de Lisboa. No entanto eram tantos os que vinham de fora, que os carros não davam conta.

Quando cheguei ao comício, estimei a multidão, às 19:30, em 50,000 pessoas, mesmo sem ter prática de tal coisa. Lá para as 20:30 alguém já os havia calculado em 150,000 e as 23:00 horas Mario Soares afirmou ao microfone que "um técnico" os calculava em 300,000.

Eu, francamente, acredito que eram mesmo 300 mil, pois nunca vira tanta gente junta, desde os dias dos comícios do Brigadeiro Eduardo Gomes, no Recife.

Em contraste com o comício do Partido Socialista, que foi muito desordenado (mais por causa das barricadas do que por outros motivos) o do Partido Comunista, de Álvaro Cunhal, na noite anterior, fora algo bem diferente. Para começar, havia no recinto fechado do ginásio, onde ocorreu a reunião do PCP, apenas 6.000 pessoas, talvez 10.000, na minha estimativa, se tanto. As pessoas tinham ficado todas fora do Ginásio de Esportes, cantando e gritando slogans, sendo permitido às mesmas entrar apenas na hora certa, criando assim um clima de grande expectativa. Entraram todos e passaram mais de meia hora novamente gritando slogans. Seguiram-se muitos discursos, de pessoas que informavam que o camarada Álvaro Cunhal ainda não tinha chegado, mas que em breve lá chegaria. Após vários desses discursos, criando um forte ambiente de expectativa, houve a entrada triunfal de Álvaro Cunhal. Este pessoalmente liderou mais 15 minutos de palavras de ordem, fez um curto discurso e acabou o comício. Tudo foi muito bem planejado; tudo tinha seu lugar certo, sua hora certa e seu slogan. Tudo foi extremamente bem orquestrado e cuidadosamente conduzido. Em comparação, o comício dos socialistas foi um convescote de amadores.

Lá para as 23:30 ainda não havia terminando a coisa. Porém, como no outro comício socialista, eu já estava morrendo de cansado. Fui embora antes mesmo de ouvir o fim do discurso de Mário Soares (e comigo muita outra gente). Pela primeira vez tomei o metrô, que vem quase que à porta do hotel. É um metrô limpo, bem arejado, iluminado, muito mais silencioso do que o de Nova Iorque, e quase que tão bom quanto o de Filadélfia.

É preciso acrescentar que o povo que chegava de fora vinha contando as misérias que tinham sofrido nas barreiras comunistas. Mário Soares anunciou a chegada de uma pessoa com os dentes quebrados, e de outros que foram atacados com coquetéis Molotoff, e coisas desse tipo. De fato, eu estava bem longe do palanque e do círculo de jornalistas, de modo que não pude ver tais pessoas e falar com elas. No entanto, a julgar pela atitude do pessoal do PCP, no comício da sexta-feira, e pelo o que Álvaro Cunhal estava dizendo, não acho muito difícil que isso, de fato, tenha acontecido, apesar de que, o português é ainda muito pacato. Se fosse no Brasil teria havido muita facada e muito tiro, especialmente no Nordeste.

Lisboa, 20 de julho. Dormi até tarde de novo. Como hoje é domingo, tinha planejado ir à igreja, porém, novamente, dormi demais. Saí para comprar os jornais e quando voltei já era hora de ir à casa de Rafael Moreira, para almoçar, como descrevi no começo desta. O almoço foi muito bom, e a conversa muito agradável.

Já são 20:00 horas de modo que vou terminar esta, vestir-me e ir ao Rossio, para ouvir o que os políticos de lá estão dizendo hoje à noite.

Uma que ouvi, na casa do Rafael: na investida do MPLA, em Angola, os carros de assalto daquela organização foram conduzidos por membros das forças armadas portuguesas, que também ajudaram com os canhões, já que os pretos não têm motoristas nem técnicos no assunto. Desta maneira o MFA e o exército português se colocaram claramente ao lado do movimento do MPLA, contra o Governo português colonial, a ser isso verdade mesmo.

Lisboa, 21 de julho. Acabo de voltar da cidade, onde fiz reservas para a viagem de volta. Sairei daqui no sábado, dia 2 de agosto, às 13:00 horas, para Londres (assim terei o dia de domingo para fazer turismo). Passarei na Inglaterra até no outro domingo, saindo de lá novamente às 23:00 horas e chegando a Brasília às 06:00 horas da manhã de segunda-feira, 11 de agosto.

Continuo sem muita "sorte" nas entrevistas de "alto-gabarito"; só com o "Zé Povinho" é que não há problemas. A crise política continua, com um novo gabinete sendo formado para preencher as vagas do pessoal do PS e PPD, que pediu demissão. Do outro lado, o Partido Socialista continua a pressionar, exigindo a demissão do Vasco Gonçalves, Primeiro Ministro (que dizem ser membro do PC) e a exigir que um membro do MFA, socialista, seja nomeado em seu lugar.

Levantei-me cedo para levar os pacotes de livros ao correio, antes da chegada do Rafael Moreira, que vai comigo entrevistar o César Oliveira.

Despachei cinco pacotes contendo livros velhos e uns três novos. Ao voltar, Rafael já me esperava no saguão do hotel. Fomos caminhando ao Palácio da Foz, sede do Ministério de Comunicação Social, para falar com o César Oliveira. Na sala de espera havia um espanhol (gente de fala espanhola pelo menos) chamado Sávio. Foi atendido antes de nós e lá para meio-dia veio um bedel dizer que o César pedia desculpas, mas que só poderia nos atender à tarde, depois do almoço, lá pra as 15:00 horas (almoço aqui é do 12:00 as 14:00).

Almocei, li um bocado e às 15:00 horas, novamente o Rafael estava aqui, de modo que fomos novamente ao Ministério. Dessa vez o César não estava lá. Esperamos até as 18:00 horas, quando ele chegou, pedindo desculpas pelo atraso e cheirando fortemente a álcool, vinho talvez. Disse que o Governo ainda estava em crise, que por isso ele não tinha tempo para nada e pedia que eu voltasse "depois da crise", lá para quarta-feira! Como sabe ele que a crise terminará na quarta? Estarão eles, os comunistas, planejando algo para acabar para sempre com os socialistas? Não sei, mas parece que sim.

De certo modo, notei esse hábito curioso na vida do César Oliveira. Ele nunca volta do "almoço" antes das 18:00 horas e, em geral, está bem alegre. Isso é de gente que já está bem avançado no alcoolismo, ou sob grande pressão. Uma vez tive um chefe desse tipo. Na ocasião, César Oliveira negou-me, "de pés e mãos" que será nomeado novo Ministro da Comunicação.

Com mais nada a fazer, fui caminhando até o Hotel Tivoli, a procura do historiador José Honório, que está para chegar em Portugal. Não tinha chegado ainda. Desde o dia 17 estou indo lá diariamente, e José Honório não chega. Com certeza tem lido nos jornais europeus sobre os problemas portugueses, a inoperância da Constituinte, a demissão dos socialistas e tudo aquilo que ele queria ver de perto, mas que está desaparecendo, em face da arrancada comunista.

Comprei um montão de jornais e voltei ao hotel, onde passei a noite lendo, a ver o que esta acontecendo no país. Vou ver se levo todos esses jornais como complementares dos meus teipes e, se tiver tempo, pretendo escrever um pequeno livro, intitulado "A Crise de Julho na Revolução Portuguesa". Espero que todos esses meus diários estejam chegando no Brasil, pois os envio todos os dias, em forma de cartas, endereçadas à minha mulher.

Esse foi um dia muito cansativo, sentado por muitas horas, esperando por aquele senhor historiador. Não sei se chegarei a falar-lhe.

Estou agora, 14:00 horas de 22 de julho, de saída para entrevistar o pessoal que esta auxiliando os refugiados de Angola, e também o historiador português Joel Serrão.

Lisboa, 22 de julho. Hoje vi e ouvi coisas terríveis. Estive na "Comissão Socialista de Apoio aos Retornados de Angola". É uma sociedade de senhoras socialistas que procura ajudar os colonos fugidos de Angola. Melhor seria se contasse tudo em forma de diário.

Acordei às 09:00 horas, tomei banho e café e fui ao Palácio de São Bento, para ver os trabalhos da Assembléia Constituinte. Descobri que a Assembléia só funciona depois das 15:00 horas, e fecha as 18:00! Isso é que é trabalhar! Voltei ao hotel, comi meu almoço e leite e iogurte, no restaurante "self-service", que fica perto da Praça do Comércio, e voltei à cama para dormir por uma hora antes de ir à Rua D. João V, número 2, onde tinha marcado encontro com o pessoal que está ajudando a gente que está voltando das antigas "províncias ultramarinas".

Ao chegar ao endereço, o escritório ainda estava fechado e havia um montão de pessoas à porta falando e discutindo. Diziam que não haviam conseguido auxílio para fugir de Angola porque o "comissário" encarregado havia perguntado a que partido pertenciam e, ao descobrir que eram apolíticos haviam recusado auxílio. Falava-se que para obter auxílio era preciso dizer que se era do Partido Comunista ("comunista", como eles pronunciam). Já

dentro, falei com D. Maria José da Gama e gravei uma entrevista com a senhora que é líder de todo movimento de auxílio ao pessoal de Angola. É senhora de seus 35 ou 40 anos, porém muito "madre", muito mãe mesmo, de coração enorme, que vem sofrendo o problema dos angolanos desde de 06 de junho, quando começou a expulsão deles.

Depois de uma hora de falar de "nada", em termos puramente legais, ela fala de outras coisas. Do problema das mulheres que foram violadas. Afirmou ela que a maioria das mulheres foi violentada pelo MRA, que existe uma velhinha de 75 anos, no campo de refugiados, que foi estuprada por sete negros angolanos; que há dezenas de criancinhas de cinco e 6 anos que também foram estupradas, e centenas e milhares de mulheres de 18 em diante que estão com gonorréia, sífilis e possivelmente grávidas, em consequência de estupros por soldados do MPLA. Que os problemas psicológicos e psíquicos são tais, entre essa gente, que chega a ser inacreditável. Esse é o quadro dos refugiados de Angola.

O pior, diz ela, é que ela foi procurar o médico chefe do serviço de saúde do FMA, o grupo militar que controla o país, tendo sido informada por ele que essa gente é considerada "fascista, colonialista", e que por isso o MFA recusa-se ajudá-la. Nada será feito. Ela pediu ajuda médica, para abortar as mulheres e moças engravidadas pelos negros do MPRA angolano, e o MFA português se recusa fazer coisa alguma.

Convidou-me a ir ao "campo de férias" onde essa gente está instalada. O pessoal da comissão socialista vai lá na quinta-feira, levando algum auxílio médico. Prometeu que poderei entrevistar quem quiser, e saber o que realmente se passa em Angola. Confirmou as histórias que ouço, de que as tropas negras do MPLA estão sendo ajudadas pelo MFA, cujos soldados estão dirigindo os carros de assalto, e manejando os canhões, contra a própria população portuguesa.

Confirmou, ainda, que o MFA está tentando ao máximo esconder as atrocidades cometidas pelo MPLA, e que os ex-colonos odeiam o MFA, e estão dispostos a lutar contra eles, em Portugal.

A miséria que vi entre os que procuravam auxílio do PS era tal, que me deixou tremendamente chocado. As histórias que me contaram me deixaram bastante abalado. Não sei se os diretores dos campos, onde essa gente se encontra, me permitirão entrevista-los. Estão nas colônias do INATEL, que hoje estão sob a gestão do PCP, sob a liderança de um tal Rogério Paulo, cuja esposa é adida cultural da Embaixada de Cuba, em Portugal.

A verdade é que os jornais do país, dominado como estão pelo PCP, não dão notícias do que está passando em Angola, exceto em termos de que as forças do proletariado (MPLA)

estão vencendo e nada falam dos refugiados ou do que eles passaram, ou pelo o que estão passando.

Depois disso tudo, voltei ao hotel. A caminho, encontrei na Praça dos Restauradores um tipo que estava trazendo um carregamento de livros velhos. Comprei, com meus últimos escudos 6 ou 7 deles, entre os quais estava um manuscrito de tremendo valor para mim, por ser relacionado com a questão religiosa em Portugal no Século XVIII. Comprei-o por 100 escudos (US\$ 4.00).

Hoje à noite, depois do jantar, olhei a chatíssima TV revolucionária portuguesa até agora (11:00 horas), quando subi ao meu quarto para escrever essas linhas e dormir.

Lisboa, 23 de julho de 1975. Levantei-me de manhã na hora de sempre (09:00) tomei café e fui para a casa do Rafael Moreira, que ficou de me levar à entrevista o Professor Jorge Borges de Macedo, um dos grandes historiadores de Portugal, “saneado” (cassado) pela Revolução. Comprei quatro cassetes novos e fui á casa do Rafael, de onde fomos para a casa do Macedo.

A casa do Macedo é em um velho edifício, numa área modesta de Lisboa (Rua Coelho da Rocha 46/2ºD). É um apartamento modesto, precisando ser repintado, cheio de livros e revistas. O professor tem oito anos a mais do que eu (o que o fará com 53 anos de idade), Estava impecavelmente vestido – Rafael me havia dito que ele é uma pessoa tremendamente conservadora, em tudo, especialmente no vestir. Passa o dia todo vestido assim, ainda que esteja em casa trabalhando, como hoje.

Falamos por quase que 45 minutos, o teipe que comprei era de uma hora e meia, quando descobri que as minhas pilhas tinham pifado e que nada do que ele dissera tinha sido gravado. Foi muito chato. Fiquei de telefonar para ele de novo, a fim de marcar outra hora.

Voltei ao hotel, almocei e descansei um pouco até as 15:00 horas, quando fui para a Constituinte. Entrei procurando o Deputado Vasco da Gama Fernandes, do PS, presidente da Liga dos Direitos do Homem em Portugal. Fui com recomendação de Dona Maria José da Gama, Presidente da Comissão Socialista de Apoio aos Retornados de Angola.

De alguma maneira, pensaram que eu era jornalista estrangeiro e colocaram-me na área da imprensa. Mandeí um bilhete ao Vasco da Gama, pedindo-lhe uma entrevista. Ele saiu do plenário e chamou-me lá fora, onde combinamos nos encontrar na casa dele, amanhã às 09:30 da manhã.

Voltei ao plenário para ver os trabalhos. A Constituinte não está “constituindo”. Passaram o tempo discutindo política e trocando insultos, especialmente entre socialistas e comunistas, com um pouco de ajuda do PPD.

Um sujeito lá, do CDS, levantou-se e fez um discurso protestando o julgamento de um "camponês", que assassinou o patrão, num caso que se tornou célebre por aqui. Disse que não se podia julgar um "camarada camponês", sob leis "fascistas", pois este simplesmente havia se "defendido", e "feito justiça com suas próprias mãos", matando aquele "fascista latifundiário e explorador do povo". Exigia que o camponês fosse solto, e julgado por leis "revolucionárias"!

De um modo ou de outro, fiquei lá até quase 18:00 horas, e nada foi feito. As galerias estavam cheias de comunistas que apupavam os oradores não-comunistas. Os guardas os repreendiam, porém não expulsavam ninguém, e eram até insultados pelos que estavam a fazer barulho.

Voltei ao hotel e estava descansando um pouco, em preparação para participar de uma reunião, do que os jornais brasileiros chamam de "soviets" locais, aqui desta área. Antes havia passado por lá, e antecipadamente pedido permissão para estar presente, que me foi dada.

Enquanto descansava, o telefone tocou. Era José Honório Rodrigues, que havia chegado hoje à tarde, ido a uma livraria onde eu tinha deixado um recado para ele, e descoberto que estávamos no mesmo hotel. Saímos então para jantar juntos. Veio da Grécia sozinho, pois a esposa foi à Inglaterra visitar uma irmã, que mora lá. Era o mesmo José Honório; o mesmo de sempre: sovina, terrível.

Depois do jantar foi fazer uns telefonemas, e eu aproveitei a ocasião e fui à reunião dos "moradores" da vizinhança.

A reunião foi na Rua Santa Justa, no antigo prédio do Hotel Francfort, que hoje é a sede do Centro Sócio-Cultural dos trabalhadores de Hotelaria em Portugal. Tinha sido anunciada como uma reunião entre o "povo e o MFA".

Entrei lá num salão, que parecia ter sido o restaurante do hotel, onde haviam construído uma plataforma e onde colocaram umas 100 cadeiras. Havia também umas 50 pessoas de pé. Esperamos uma hora (a reunião começaria às 21:00), mas não chegou ninguém do MFA. Finalmente, alguém que parecia estar encarregado do assunto, informou que ele telefonara para o 5º Exército, perguntando pelo pessoal do MFA, e tinha sido informado que estavam a caminho. Debateram se deviam ir embora, ou ficar esperando, e resolveram esperar.

Dentro de uns 15 minutos chegaram dois soldados, em farda de campanha, jovens, um deles com insígnias e um enorme cachecol azul (parecendo um oficial) e um terceiro em farda de passeio que era, de fato, um oficial.

Estavam tremendamente desorganizados. Até parecia coisa brasileira. Apenas algumas das “freguesias” da região já tinham organizado seu grupo de “moradores”, e o grupo daquela zona não estava nada organizado.

O pessoal do MFA insistiu que um representante de cada freguesia subisse ao palco. Não havia representantes “oficiais”, de modo que muita gente se arvorou de representante, e subiu. Os do MFA disseram então que não estavam lá para ensinar ao povo, mas para “aprender com o povo”. Isso sem dúvida resultado de uma experiência que tiveram, tempos atrás, assim me contaram, quando representantes do MFA foram a um certo povoado para “ensinar o povo”, sobre a Revolução. Quando chegaram lá, o lugarejo estava vazio de gente, mas a praça principal estava cheia de burros, com uma mensagem escrita: “Já que vieram ensinar aos burros, ensinem a estes que estão aqui”.

Primeiro, chamaram as pessoas que tivessem problemas em suas freguesias; que fizessem fila para colocar os nome na lista dos que iriam falar. Depois da lista preparada, um certo rapaz, bem jovem, vestido de camisa vermelha, começou a reclamar que as coisas não estavam bem organizadas, e começou a querer mandar na reunião. O oficial do MFA mandou-o calar a boca, mas o “povo”, uma claque de amigos dele (isso veio a ser demonstrado depois), exigiu que o mesmo fosse ouvido.

O tipo falou e discursou, sempre aplaudido pela claque, exigindo medidas radicais, para impor um regime “socialista” em Portugal. Começaram então a falar os trabalhadores propriamente ditos. Logo de saída, alguém no palco apresentou um documento, a ser enviado ao MFA, em nome de todos da reunião, dizendo que em virtude da arrancada “anti-revolucionária e fascista” o povo deste distrito se manifestava em pleno apoio ao MFA, e ao camarada Vasco Gonçalves (1º ministro). Os rapazes do grupo do sujeito de camisa vermelha gritaram logo em apoio, dizendo “sim”. Algumas vozes timidamente reclamaram, dizendo que não haviam votado em favor de coisa alguma.

O rapaz da camisa vermelha gritou que se deveria votar e pediu uma “amostragem de mãos”, para ver “quem são os contra-revolucionários aqui” (coisa que os socialistas não admitem, em face da fácil intimidação que pode haver nesses casos). Imediatamente todo mundo levantou as mãos. O rapaz então gritou que seria bom saber quem era contra. Uns 7 ou 8 gatos pingados levantaram as mãos.

O tipo então gritou que se estava vendo como, naquele momento importante para a Revolução, havia “contra-revolucionários fascistas” tentando sabotar a reunião. Imediatamente os da claque começaram a gritar “fascistas, fascistas” e a repetir o slogan “abaixo a reação, abaixo a reação”. Uma senhora lá atrás, entre os que estavam de pé,

reclamou contra o que diziam, e uns cinco dos rapazes partiram para cima dela, com se lhe fossem fazer violência, e de fato lhe teriam dado umas pauladas, se certas pessoas não tivessem intervindo. Houve empurrões e gritos, e as pessoas do MFA, lá de cima do palanque, sem interferir, apenas se contentavam a dizer: "camaradas, tenham calma". De um modo ou de outro, os oito dissidentes resolveram sair, deixando a reunião totalmente em mãos do grupo vermelho.

Mais tarde houve novo incidente, quando um dos que havia votado contra o documento, voltou à reunião para falar (pois havia se inscrito para tanto). Afirmou ser dono de uma casa na área; que saira de férias este mês; e que ao voltar das férias (hoje mesmo) tinha encontrado sua casa ocupada por duas famílias. Estas estavam ali presentes, naquela reunião, cercadas de crianças remelentas e de narizes catarrentos.

Falou um dos líderes que essa ocupação, sem dúvida, fora "ilegal", pois não tinha sido autorizada por nenhuma comissão de "moradores", porém que nada podia ser feito, porque aquela freguesia não tinha comissão, e que se o homem quisesse resolver seu problema, ajudasse a formar uma comissão e levasse seu caso à mesma. Os rapazes do COPCOM então começaram a gritar, chamando o homem de "fascista e reacionário", e os representantes do MFA informaram-no que não tinham o poder legal de fazer coisa nenhuma por ele, e por seu apartamento invadido.

Foi explicada a diferença entre uma ocupação "legal" e uma "ilegal": é que a legal é autorizada por uma comissão de moradores, que tem o "direito de tomar qualquer residência "em nome do povo". Ao passo que as outras ocupações são "selvagens", e ilegais, no entanto, estas mesmas, se depois forem "legalizadas" pelas comissões, serão também consideradas "legais".

A senhora faladora informou que muita gente da vizinhança não tinha saído de férias este ano, com medo de ter suas residências ocupadas. Que ela não considerava isso (de não ir de férias) uma atitude "fascista e reacionária", mas apenas uma indicação de quanto era necessário organizar as comissões para que as casas "dos bons cidadãos" (comunistas, creio eu) não sejam ocupadas assim "selvagemente".

Já passava de meia-noite quando resolvi ir embora. O pobre do homem, que perdera a casa, já tinha saído sob os apupos de "fascista", e os rapazes do grupo vermelho estavam em completo domínio da situação.

P.S. Um dos rapazes de camisa vermelha, pouco antes de eu sair, estava fazendo um discurso sobre os problemas de habitação, de saúde, de tráfego, disto e daquilo e para todos esses problemas só havia uma solução: a destruição da "sociedade fascista e burguesa", e a

implantação de uma "nova sociedade, onde se trabalha para o homem e pelo homem e não pelo lucro". Cada vez que falava assim era aplaudido com grande clamor pela claqué, e pelo pessoal do MFA.

Lisboa, 24 de julho. Acordei bem "cedo", cerca de 8:00, por ter que telefonar para a casa do chefe do Partido Socialista, Mário Soares. Ao chegar ontem à noite, encontrei Antônio, porteiro do hotel, que já estava de saída. Informou-me ter recebido telefonema da filha de Mário Soares, dizendo que o pai me receberia, e que telefonasse para lá hoje de manhã, antes das 10:00. Como tinha encontro marcado com o D. Vasco da Gama Fernandes, presidente da Comissão de Direitos Humanos, para as 09:30, telefonei para Mario Soares as 08:30 e depois às 09:20; ele mesmo me respondeu na segunda vez. Foi muito amável, disse que estava de saída para fazer comícios no norte, mas que voltaria no domingo. Pediu-me que telefonasse para a secretária dele, na sede do partido (Séc. Maria Fernanda Castro, tel: 32-6175) marcando dia e a hora. Telefonei ao Vasco da Gama que pediu para mudar a entrevista para sábado, ao meio-dia, em sua casa (Rua da Imprensa Nacional, nº 41, Rés do chão à esquerda, tel: 67-4467).

Na volta ao hotel telefonei para a casa da Presidente Comissão Socialista de Apoio dos Retornados de Angola. Fui informado que, se quisesse ir ao campo de refugiados, estivesse em sua casa, Av Antonio Augusto de Aguiar, 84/2º D, as 14:45 horas.

Os cancelamentos e apontamentos para a tarde foram uma boa coisa, pois estava com tanto sono que dificilmente teria funcionado hoje. Dormi das 11:00 até as 13:45; saí e comi um sanduíche com leite e mal tive tempo de entra na "bicha" do táxi, para chegar na casa da D. Maria José, do Comitê dos Retornados de Angola, exatamente as 14:45.

Fomos a um dos campos de refugiados, no automóvel da Dra. Maria Luísa Costa, médica psicanalista (senhora de seus 45 anos) juntamente com outra senhora da comissão, D. Joana Maria Campos, cujo pai foi cônsul de Portugal no Recife, por nove anos. Colocaram uma mala no automóvel, cheia de remédios (amostras), apanhada em um hospital de freiras francesas, e partimos em direção da Costa de Caparica, onde está localizado o campo de férias da INATEL, utilizado como um dos campos de refúgio dos angolanos.

A verdade é que não só angolanos estão lá, está lá também um certo número de refugiados (comunistas) chilenos. Isso só tem causado dificuldades, por causa da atitude anticomunista dos angolanos, assim me informaram, ocorrendo confrontos entre os dois grupos.

Guardas armados pararam o carro no portão. Fui informado que isso era algo de novo. Ainda mais, havia um grupo de homens cavando buracos espaçados ao redor de todo o

campo, inclusive na entrada do pavilhão da Cruz Vermelha. Depois saberíamos do que se tratava: era uma cerca de arame farpado, que estava sendo construída.

O campo tem aparência bem agradável. É bem ajardinado, com vários edifícios de alvenaria, enorme galpão com mesas de ping-pong, bar, etc., e várias casas e edifícios tipo dormitório. Havia também pelo menos três enormes barracas de lona, tipo militar, obviamente ocupadas. Havia também certo número de soldados misturado entre os refugiados.

Apanhamos os remédios e nos dirigimos à enfermaria. Logo de saída uma senhora refugiada nos informou que as roupas armazenadas ali não estavam sendo distribuídas, e que os remédios doados pelos socialistas também não tinham sido distribuídos. Há cerca de dois mil refugiados neste campo.

Na enfermaria havia um anúncio, de que a mesma funciona das segundas aos sábados de 08:00 as 12:00 e das 15:00 as 18:00. No entanto, os refugiados reclamaram que, de fato, só funciona de 16:00 as 18:00, e que não dispensa remédios, se bem que o dispensário esteja atulhado dos mesmos.

As senhoras entraram na enfermaria, mas fiquei de fora, olhando o pessoal. Havia lá um mulato, com uma cara muito estranha, que deu uma resposta bem dura a uma senhora, que lhe falara alguma coisa. Achei aquilo bastante estranho.

Dentro em breve, D. Maria José e outra senhora, D. Maria Amélia Luzer, que já estava lá nos esperando, saíram da enfermaria. D. Maria José estava pálida e trêmula, e foi logo me informado que estávamos proibidos de distribuir remédios e roupas e que, como jornalista, eu não tinha o direito de entrevistar ninguém. No entanto, ela iria telefonar para um Coronel do MFA, seu conhecido, para obter dele o direito de fazer o que vinham fazendo até então: pessoalmente distribuir roupas e remédios, em vez de deixar tudo nas mãos dos comunistas administradores do campo.

Ao saber disso, sem tirar o gravador da bolsa a tiracolo, elevei o som ao máximo, e coloquei-o em posição para gravar. Fiquei falando com D. Joana Maria Campos e um refugiado que nos procurara. Não fiz perguntas ao homem – ela é quem falou. No entanto, mal começamos a falar com ele, quando dito mulato se levantou e começou a se aproximar de nós, meio de lado, escutando a conversa. Antes mesmo de termos chegado na enfermaria, já nos tinham informado que tivéssemos cuidado, pois o campo estava cheio de infiltrantes comunistas.

Afastamo-nos dali, e, em breve, fomos rodeados de mulheres reclamando do tratamento do campo. Perguntei-lhes sobre o que se passara em Angola – todos foram

unânicos em dizer que o Almirante Rosa Coutinho os havia desarmado, quando chefe das Forças Armadas em Angola, que este os deixara sem proteção, tendo em meta "acelerar" a descolonização. Até as facas de cozinha, pontiagudas, tinham sido confiscadas, ou tiveram suas pontas quebradas. Então vieram os revolucionários do MPLA, e começaram a tomar tudo, expulsando-os de suas casas com apenas a roupa do corpo. Em muitas casas, amarraram os maridos às árvores e estupravam as senhoras e filhas, em alguns casos (como o de uma menina de 12 anos que lá estava) deixando-as todas "rasgadas" pelo número de homens que as possuíam, e pela violência que usaram contra elas. O caso de uma velhinha de 75 anos, que foi violentada por sete bravos revolucionários, me foi contado ao mesmo tempo em que me informavam que a mesma tinha sido levada para um abrigo de velhos. Ela tinha contraído todo tipo de enfermidade venérea existente.

Nesse ínterim, D. Maria José estava discutindo com um homem, vestido à paisana, que me informaram ser o "sargento Baptista", chefe do campo. Este, aos berros, discutia com ela, auxiliado por dois outros paisanos, funcionários do campo. Um grande número de refugiados rodearam-nos, e em breve os homens estavam gritando também contra o sargento. Daqui a pouco vários soldados, em uniformes de batalha, foram chegando ao grupo, rodeando-o. Via-se que a coisa estava muito bem sob controle dos comunistas civis e dos militares. Como eu estava com o gravador na bolsa e, com medo que me revistassem e encontrassem o teipe, gravando o que estava acontecendo, afastei-me e fiquei apenas na periferia da multidão.

Em pouco, um homem veio falar comigo. Estava com a mão quebrada e contou-me que a tinha quebrado "na cara de um comunista". Um tal de Salvador, explicou ele, que se dizia angolano, havia infiltrado o grupo e o tinha levado, junto com outros, a falar com gente do COPCON. Estes lhes tinham oferecido dinheiro e toda espécie de regalia, caso virassem informantes, contando e informando tudo o que se passava no campo, especialmente sobre os socialistas. Quando voltaram ao campo, esse refugiado da mão quebrada, e outros dois mais, tinham pegado o tal de Salvador e dado-lhe uma grande surra, e foi ao aplicar essa surra no sujeito, que ele tinha quebrado a mão.

Em face de uma ordem do chefe do campo, mandando-nos embora, não tivemos alternativa: abandonamos o campo, e voltamos a Lisboa. As senhoras vinham totalmente abaladas, falando que era tempo dos socialistas começarem a fugir para o Brasil. A médica já havia me dito que ia levar os filhos e colocá-los em escolas no Brasil. Foi logo dizendo que iria marcar a viagem dos filhos para o fim do mês.

Falaram muito. Entre as muitas coisas que ouvi:

- 1) Othelo Saraiva de Carvalho não é comunista, mas tem uma amante comunista que o domina. Chama-se Isabel do Carmo, é casada, tem filhos e é chefe do grupo de extrema esquerda chamada PRPBR, filhote do PCP. É uma mulher feia, de acordo com o retrato dela que saiu hoje no Diário de Notícias, diziam elas, o que prova que Othelo não só é pessoa fraca e influenciável, como também é pessoa de muito mau gosto;
- 2) D. Maria Fernanda de Castro, secretária de Mario Soares é prima da Dra Maria Luísa Costa, que foi conosco ao campo de refugiados.
- 3) D. Maria José Gama vai se entrevistar com o Salgado Zenha, segunda pessoa do OS, e vai pedir que ele me conceda uma entrevista. Caso ele aceite, ela me telefonará no sábado, indicando a hora.

Ao chegar no hotel descobri que o gravador, novamente tinha quebrado. Gravara apenas metade da fita, e está em pane total.

Nesse ínterim o Rafael Moreira me telefonou. Disse que uma colega dele, de tendência "extremo-esquerdista", tinha sugerido que eu entrevistasse um "grande amigo" dela: o Arnaldo de Matos. Ora, o Arnaldo não é nada mais nem menos do que o chefe do MRPP – o "Maria Pum-Pum" - que há poucos dias fugiu da cadeia e que hoje deu entrevista no *Jornal Novo*, de um esconderijo nos arredores de Lisboa, onde foi dramaticamente retratado, portanto uma metralhadora. Aceitei a oferta, e a moça vai montar o encontro para a próxima semana.

Em vista do acima, tenho de arranjar alguém que me conserte o gravador logo, se não de nada me servirão essas oportunidades de entrevistas.

Ao voltar a Lisboa, encontrei José Honório Rodrigues no saguão do hotel. Convidou-me para jantarmos juntos. Disse-me que não esta gostando desse hotel, que é muito popular, e que se mudará para o Capitólio, na rua Eça de Queiroz, amanhã de manhã.

O italiano que gosta de feijoada, com quem eu tinha saído para comer no restaurante "brasileiro" (o Galeto) procurou-me e me informou que hoje é dia de feijoada. Fomos todos juntos. José Honório comeu um bife, o que foi muito sábio, pois a feijoada que comi me fez muito mal. Voltamos a pé até a Praça Pombal, onde tomamos o metrô para o hotel.

No hotel chegamos na hora das notícias, na TV, onde se falou (com toda "autoridade") que Mario Soares tinha mandado agentes para falar com Spíndola na França. Isso, na mentalidade "revolucionária", o coloca totalmente do lado "fascista, contra-revolucionário e reacionário". José Honório ficou "passado" com essa notícia, e com várias outras desse tipo, e logo perdeu todo o interesse de encontrar-se com Mário Soares. Disse que um encontro dele

com o Soares seria considerado "algo político", quando de fato ele o procurava apenas como "velho amigo", e não como político. Desta maneira, iria abandonar o projeto de se entrevistar com o Mario Soares. Assim é a natureza humana!

Por cima de tudo, devo dizer, havia contado a José Honório o que as senhoras socialistas me haviam dito: que o PS fora informado de um complô para matar Mario Soares, Salgado Zenha e dois outros dos seus líderes, que estão hoje sob forte guarda. Sem dúvida não passa de uma forte técnica da esquerda: de por o indivíduo em perigo, criado assim, uma situação de "stress", até ele não agüentar mais, forçando-o assim a abandonar o campo à minoria, como aconteceu ontem na reunião dos moradores que presenciei, e como estava acontecendo com as senhoras que, em face da violência do chefe do campo de refugiados, saíram falando até de fugir para o Brasil.

P.S. Descobrimos o que eram os buracos espaçados, ao redor do campo de refugiados. Ao sairmos descobrimos que estavam estendendo arame farpado e que os buracos eram para os postes. De fato, a notícia que tínhamos de que o refugiados seriam colocados em campos de concentração, por serem "fascistas e colonialistas" eram verdadeiras. Vi a prova hoje.

Lisboa, 25 de julho. Levantei-me cedo, para procurar quem me conserte o gravador. Na verdade já estava acordado desde seis da manhã, sentindo-me mal, como se a feijoada comida no dia anterior não me tivesse feito bem.

Felizmente encontrei quem me resolvesse o problema do gravador e, como ainda me sentia mal, voltei ao hotel, tendo antes comprado umas Alka Seltzers. Passei pelo bar do hotel para tomar uma das Seltzers, e a moça do bar me disse que eu provavelmente estava doente por tomar água mineral demais, que deveria beber vinho, que é bom para o estômago!

Passei o resto do dia na cama, sem comer, até as 17:00 horas, quando saí para a nova entrevista com o historiador Joel Serrão. Foi uma entrevista bem rápida e frustrante. Dizia estar muito ocupado, e pior, não queria tomar uma posição sobre coisa alguma, um verdadeiro político.

Lisboa, 26 de julho. Na noite anterior, Rafael Moreira me havia telefonado dizendo que o pessoal do MRPP havia, em princípio, aceitado a idéia de uma entrevista minha com o Arnaldo Matos, mas pedia que preparássemos as perguntas por escrito. Levantei-me cedo para fazer isso. Ainda não me sinto muito bem do estômago.

Às 10:00 horas, Rafael chegou trazendo notícias de que os contatos dele também dizem que há possibilidades de uma entrevista com a Isabel do Carmo, chefe do PRP-BR (Partido Revolucionário do Proletariado – Brigadas Revolucionárias) mentora política e intelectual do General Othelo Saraiva, comandante do COPCON, bem como (de acordo com as más línguas

femininas) sua amante. Saraiva está hoje em visita a Cuba. Seria um golpe de sorte tremendo, se conseguisse isto.

Elaboramos outra lista de perguntas para Isabel do Carmo. Rafael levou-as para passar na máquina em casa, enquanto eu ia à casa do Vasco da Gama Fernandes, para a entrevista que me havia prometido. Foi a melhor entrevista que já tive até agora. Foi muito gentil, muito sincero, falou tudo sobre sua vida e sua atuação na política portuguesa, e no fim da palestra convidou-me a voltar na próxima semana, a fim de me dar uma explicação sobre a posição do PS "em face da formação da Troika": Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Othelo Saraiva.

Antes de sair para esta entrevista tinha tentado telefonar várias vezes para a secretária de Mario Soares, como ele havia dito no sábado. Sem resultado. Não havia resposta. Tentei ligar de novo para a casa dele, e descobri que a família tinha saído para passar o fim de semana fora.

Comprei os jornais do fim de semana, que aqui saem nos sábados, em vez de domingo. Passei os tarde toda lendo os mesmos.

À noite fui a um cinema, o "São Jorge", onde vi o "Decameron" de Pier Paolo Pasolini (a outra versão do Decameron, que tinha visto antes, era o "Decameron Secreto" – filme pornográfico). O de Pasolini era de melhor qualidade artística, mas não lá muito diferente do pornográfico.

Voltei ao hotel. A televisão ainda tem programas sobre Cuba. Como hoje é o aniversário do ataque de Fidel Castro ao quartel de Moncada (que deu início à Revolução Cubana) e há um grupo militar cubano em Portugal, especialmente para a celebração desta data, a TV de Portugal dedicou o programa do dia todo à Revolução Cubana.

O interessante é que os militares cubanos têm impressionado muito por aqui, pela sua atitude militar, e sua tremenda disciplina. Isso já foi comentado pelo próprio Othelo, em Cuba, e relatado pelos jornais. Há um grande contraste entre eles e os militares portugueses de hoje, que estão numa fase de indisciplina e esculhambação total. Têm-se falado muito em disciplina, esses dias, e creio que isso é parte de um programa para que os militares mudem de atitude, pois podem ver que um exército pode ser "revolucionário" e disciplinado ao mesmo tempo. Soldado hippie não vale nada.

Lisboa, 27 de julho. O Rafael tinha pedido para ser apresentado a José Honório, de modo que marquei um encontro com ele, no novo hotel de JH, o "Capital", na Rua Eça de Queiroz, 42. É um hotel bem bonzinho, com quartos grandes, arejados, um bom restaurante e um saguão também grande e "amigável", como dizem os gringos.

Conversamos por quase três horas. José Honório, que se define como “socialista”, declarou-se abismado com o domínio completo do comunismo nos meios de comunicação de Portugal – os programas sobre Cuba, totalmente comunistas, os programas de notícias totalmente tendenciosos, os jornais do mesmo modo. Por exemplo, dois dias antes, na televisão, estavam mostrando a descida dos Americanos, do espaço, e as notícias e informações que davam eram assim: “Breznev acaba de mandar um telegrama para Ford nos seguintes termos”. O noticiário continuava: “comparado com os americanos, os russos fazem” assim e assado. Todo o noticiário, apesar de a notícia ser sobre a chegada dos americanos à lua, era na verdade sobre os russos: o programa espacial russo fazia isso, ou fazia aquilo, sem uma só palavra sobre o que os americanos estavam fazendo no espaço, ou pelo menos muito pouco sobre as imagens dos americanos pisando na lua, que estavam sendo mostradas.

O velho José Honório aparentemente ficou muito contente em nos ver, porque está sozinho. A esposa foi visitar uma irmã na Inglaterra, de modo que ele ia passar o dia todo só, o que ele odeia fazer. Convidou-me para almoçar com ele. Almoçamos, e depois insistiu que fossemos a um cinema ali pertinho, pois o filme parecia bom. Não queria ir porque queria voltar ao hotel para descansar, mas o velho estava tão ansioso para ter companhia que aceitei ir.

Depois do cinema ainda era cedo, de modo que o velho disse que ia dar uma volta. Saímos conversando pela Avenida Liberdade abaixo. Paramos num café de calçada, tomamos um refresco e ficamos vendo o “footing” da classe média-baixa e operária, da tarde do domingo. Nunca vi tanta mulher feia e sem graça, em toda minha vida! Comentamos muito sobre isso, e sobre o “povo comum” em geral, aqui em Portugal, que na nossa opinião é todo feio, tanto os homens quanto às mulheres.

Já eram seis e tanto da tarde, e o velho não me queria largar. Convidou-me de volta ao hotel para ver TV. Voltamos ao saguão do hotel dele, e ficamos vendo a porcária da TV portuguesa, eu morrendo de sono, até as 21:00, quando ele disse que ia comer (o restaurante do hotel fecha as 21:30). Aproveitei o ensejo para dizer que ia embora, pois não estava com fome. A verdade é que queria voltar ao meu hotel para descansar e escrever meu diário. Jantei num dos restaurantes ali perto. A comida até que não estava má.

Se tudo for de acordo com meus planos, no próximo domingo estarei em Londres. Meu dinheiro está quase acabando. Não sei se poderei passar a semana toda lá, como havia planejado. Se não puder, vou ter que voltar mais cedo ao Brasil, sem ter feito minha pesquisa no arquivo de Lambeth. Talvez, se o Ian Milne, o inglês que conheci aqui, reiterar o convite que me fez, de ficar na casa dele, eu possa com os poucos dólares que me restam ficar o tempo

previsto. Caso contrário, vou embora e chegarei ao Brasil na hora mesmo. A vida em Portugal triplicou de preço, ou até mesmo quadruplicou, desde 1971, quando aqui estive. Meus planos de poupar 500 ou 600 dólares, dos que tinha trazido, não vingaram de modo algum.

Lisboa, 28 de julho. Levantei-me cedo, comprei os jornais e tomei café. Depois do café fui ao correio botar minha carta e diário para casa, bem como meu último pacote de livros. Escrevi também ao professor Nelson Lehman, fazendo-lhe umas recomendações sobre o departamento de história da UnB, que ficou ao cargo dele, como vice-chefe.

Telefonei para Maria Fernanda Castro, secretária do Mario Soares, e ela disse que não havia espaço na agenda para me colocar, no entanto, informou-me que Mario Soares estava dando uma conferência à imprensa, às 17:30, no hotel Altis e convidou-me a estar presente à mesma. Disse-me que o procurasse lá. Telefonei a José Honório informando-o da conferência. Combinamos irmos juntos.

Almocei, descansei, li até as 14:00 horas, quando saí a procura dos partidos políticos, com intenção de entrevistar quem quer que fosse. Fui direto ao Movimento Democrático Português – CDE / MDP-CDE, Rua da Artilharia, 105 (tel: 68-6023). Expliquei o que queria a uma moça, que me olhou com muita desconfiança, mas no final de contas marcou-me um encontro com um senhor chamado Lino de Carvalho, para as 15:30 na terça-feira, dia 29 de julho.

Desci rua abaixo em direção ao hotel de José Honório e, na mesma rua do hotel, parei na ADAPC (Associação Democrática de Amizade Portugal/China) na rua Eça de Queiroz. É uma velhíssima casa, obviamente “ocupada”, contra a vontade do dono. O primeiro andar (rés do chão) está em pandarecos, e a entrada é por trás. Encontrei uma moça a quem expliquei o que queria, e ela recomendou que voltasse na quarta-feira, depois das 18:00 horas, que haveria alguém para falar comigo.

Passei na casa ao lado, que é a “Associação das Mulheres Trabalhadoras de Portugal” (não sei se as preguiçosas também têm associação), mas ninguém me respondeu as batidas. É também outra casa muito obviamente ocupada, pois se trata de casa aparentemente abandonada há muito tempo, com milhões de gatos vadios pelo quintal.

José Honório já estava me esperando, e como era um pouco cedo me convidou a ir a uma loja com ele, a fim de apanhar um terno que ele comprara. É um terno de finíssimo linho irlandês, comprado pelo preço equivalente a Cr\$700,00. Teria comprado um eu mesmo, exceto que estou tão sem dinheiro agora que não posso nem comprar umas camisas de cambraia, que encontrei na mesma loja, por 300 escudos (Cr\$100,00) cada. No último dia

aqui, depois de pagar a conta no hotel, se me sobrar alguma coisa, comprarei umas duas ou três.

De lá fomos ao edifício da Varig, onde José Honório ficou de se encontrar com uns jornalistas brasileiros, entre eles Walder de Góes. O plano era passar por lá para desmarcar o encontro. No entanto, vedete com ele é, José Honório empolgou-se com as perguntas que lhe faziam os jornalistas e resolveu ficar com eles, enquanto eu fui sozinho para a conferência de Mário Soares. Cheguei lá com vinte minutos de atraso, de modo que a mesma já tinha começado.

Sentei na última fila, na única cadeira vazia, ao lado de uma moça bem pequena de cara bem conhecida. Quando Soares terminou de falar, e enquanto esperava as perguntas dos repórteres, falei no meu gravador para identifica o teipe etc. quando terminei de falar, a moça virou para mim e perguntou de onde eu era. " De Brasília" , respondi.

- Do rádio?
- Não, da Universidade.
- Sou da TV Globo, acrescentou ela.

Eu disse " prazer" etc., e voltei a cobrir a conferência. Foi aí que o timbre da voz me fez lembra quem ela era: Sandra Passarinho.

Perguntei-lhe, então, se de fato era Sandra Passarinho, e ela confirmou. Falamos por uns momentos, e ela disse que estava fazendo uma reportagem sobre o novo Governo português (o triunvirato). Está aqui com uma equipe de assessores, cameraman, etc.

É moça bem baixinha, de cabelos curtos, usa óculos, come as unhas " pelo sabugo" mesmo. É muito nervosa, fuma o tempo todo e mexe com a cutícula das unhas e as morde o tempo todo. No entanto, parece bem inteligente, a julgar pelas notas que estava tomando, pois em poucas palavras apanhava tudo o que o Soares dizia.

Finda a conferência, procurei a Maria Fernanda Castro e forcei a barra, dizendo que era amigo da prima dela, a Dra. Maria Luisa, que o Mario Soares tinha prometido ao filho que me atenderia, etc. Ela disse que ele fala assim para todo mundo, mas a não ser que ele pessoalmente diga a ela para marcar o encontro, o trabalho dela é não marcar as entrevistas. Saímos a procura de Mario Soares, e o encontramos dando uma entrevista à TV francesa. Quando terminou, a secretária falou com ele sobre o meu caso, e ele mandou que marcasse para amanhã.

Ela falou que será apenas por uma hora e meia, mas que é bom aceitar o que ele concedeu, porque as crises no momento estão acontecendo de dia a dia, e de hora em hora, de modo que ninguém sabe o que vai acontecer no próximo dia.

De lá saí para o hotel. Vim caminhando. Jantei num restaurante "self-service" e voltei para meu quarto para escrever meu diário. Nesse ínterim, telefonei a Rafael Moreira e fui informado que não recebera ainda resposta da Isabel do Carmo, mas que espera algo amanhã, ao mais tardar. Avisei-o do encontro com Soares, e convidei-o para estar presente.

E aqui estou, às 23:30, sem sono nenhum, nervoso e agitado com o que vai acontecer amanhã. Como já disse, mal posso esperar a hora de sair daqui. Isso não é vida de gente, é vida de vendedor de enciclopédias.

Lisboa, 29 de julho. Acabo de voltar de um "jantar" de iogurte e frutas na cafeteria "Atrium", aqui perto. Passei outro dia sem comer, depois de uma violenta madrugada, bem enfermo. José Honório é da opinião de que meu problema é igual ao dele: a pessoa não acostumada à dieta gordurosa portuguesa, não agüenta comê-la regularmente. Eu digo que não é tanto a gordura, como também pode ser a falta de higiene, nos restaurantes de segunda classe, onde tenho comido.

Lisboa, 29 de julho. Acordei doente de novo. Esperei até as 09:00 horas pra ir à farmácia (que aqui só abrem as 09:00) onde me recusaram vender elixir paregórico, sem prescrição médica, mas me venderam umas pílulas de Lomotil, que dizem ser forte e imediata solução para o problema. O chato é que tinha de estar no gabinete de Mario Soares às 10:00 horas, para minha entrevista.

Tomei o remédio, e como pelas 10:00 horas as coisas pareciam ir bem, passei pelo hotel de José Honório para levá-lo comigo, conforme havíamos combinado. Encontramos o Rafael já à nossa espera na Rua da Emenda, 46, que é o endereço do escritório particular de Mário Soares.

Já havia uma multidão de pessoas à sua espera. Batemos um longo papo, no saguão de espera, e lá pelas 11:00 aparece a secretária, D. Maria Fernanda, para dizer que Mário Soares nos receberá, mas como as coisas estavam atrasadas, que tivéssemos paciência. Lá pelas 11:30 vem de novo dizer a mesma coisa. Por essas horas José Honório decide que não pode mais esperar, pois já está com fome. De fato, as úlceras dele o estão atrapalhando de novo. Contou-me que tem de tomar Valium todos os dias, para controlar as úlceras, e ultimamente não tem tomado o remédio. Resultado, ontem explodiu no hotel, deu gritos no "maitre" do restaurante, fez o diabo. Notando que ele estava nervoso demais, dei graças a Deus quando ele foi embora.

Dentro de meia hora mais, forçamos a situação e fomos admitidos, eu e Rafael Moreira, no escritório de Mário Soares, depois de haver subido uma escada caracol (de três andares) porque o elevador não estava funcionando bem. Cheguei lá sem fôlego, como se pode constatar no teipe.

Soares atendeu-nos, porém notava-se que se sentia por demais atarefado. Isso me fez nervoso, e esqueci de botar o olho no gravador, pois a fita estava chegando ao fim, e as fitas que comprei, não tem o "stop" automático. Subitamente olho para a máquina, e a coisa estava parada. Troquei o cassete para o outro lado, orando aos céus que tivesse perdido apenas alguns minutos da entrevista.

Quando saímos, imediatamente toquei a fita para ver, e descobro que só tinha gravado cinco minutos dos vinte de conversa, na qual ele fez declarações tremendamente importantes sobre o alegado golpe de estado que os comunistas tentaram dar no dia quatro de julho, e sobre as milícias armadas que os comunistas, de vários grupos têm formado, bem como sobre o próprio futuro da Revolução. Talvez seja bem sintomático que ele, quando íamos saindo, e finalmente compreendendo que eu era da UnB, nos falou, com um olhar cansado e rosto muito sério: "talvez em breves dias eu apareça lá, batendo às portas da sua universidade". Isso depois de termos comentado com ele, como um grande número de socialistas já está se aprontando para fugir para o Brasil e para países da Europa.

Ao sairmos, Rafael Moreira, impressionado com as últimas palavras de Soares, comentou: "Isso que ele falou por último é muito importante. Fala-se que ele está ameaçado de ser exilado de Portugal. Será que ele tem mesmo planos de ir embora?"

O Rafael deixou-me no hotel. Almocei iogurte e leite e voltei para o quarto a fim de tentar fazer o que sempre fiz, quando trabalhava para a firma de engenharia Joseph Ward & Associates, escrever a parte da entrevista de Mário Soares que estava faltando no teipe, palavra por palavra.

Trabalhei nisso até as 15:30 horas e creio que reconstitui tudo, se não é palavra por palavra, pelo menos de pensamento a pensamento. Rafael ficou de ler a coisa, corrigir e/ou acrescentar algo e juntos assinaremos o documento, testificando que estivemos juntos no encontro e que, no melhor da nossa lembrança, aquilo fora o que Mário Soares dissera. O texto do documento que produzi, e depois foi corrigido e datilografado por Rafael Moreira, é o que segue abaixo.

PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL

Cassete # 0010-1 – Entrevistado: Dr.Mário Soares

Local: Lisboa, Portugal

Data da entrevista: 25 de julho de 1975

Nós, abaixo-assinados, Rafael de Farias Domingues Moreira, residente à Rua Marquês de Suberra, n. 11 (1º. D), Lisboa e David Gueiros Vieira, professor do Departamento de Geografia e História da Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, entrevistamos hoje, terça-

feira, 25 de julho de 1975, às 12:00 horas, o Dr. Mário Soares, Chefe do Partido Socialista Português. A entrevista foi, em parte, gravada em fita magnética, porém, por razões técnicas, o gravador não desligou automaticamente no fim da fita, de modo que cerca de 15 minutos da entrevista foram perdidos. Em vista do acima, tentamos reconstruir as perguntas e repostas que não foram gravadas, e que apresentamos abaixo. O entrevistador foi o Prof. David Gueiros Vieira.

Entrevistador: (A pergunta sobre as relações entre o P.S. e o P.C., bem como entre Cunhal e Mário Soares, foi em parte gravada faltando, na dita gravação, o seguinte):

Soares: .. A grande diferença entre nós, é que o Snr. Cunhal segue uma linha que não aceita a possibilidade de estabelecimento do socialismo em forma democrática. Aliás, esta é uma luta que não é de hoje, pois vem do século XIX, entre os que acreditam que o socialismo só pode ser estabelecido por uma ditadura do proletariado (na qual um homem ou grupo se apodera do poder e controla toda a sociedade), ao contrário de outros que acreditam que é possível ter-se a liberdade e o socialismo ao mesmo tempo. Este é o pensamento do P. C. italiano, do Espanhol e do governo que quase foi estabelecido por Salvador Allende. Aliás, a posição de Cunhal pode ser chamada anti-Berlinguer e anti-Carrillo.

Entrevistador: De acordo com o que lemos, o Snr. exigiu do M.F.A., no começo da Revolução, que o PCP fosse incluído no Governo. É verdade isso?

Soares: É verdade e ainda acreditamos da mesma maneira; ainda somos multipartidários. Sem o PCP não é possível haver uma Revolução Socialista em Portugal. Apenas desejamos que Cunhal venha a aceitar conosco o conceito multipartidário.

Entrevistador: No documento distribuído ontem pelo PS, na sua conferência de Imprensa, o senhor menciona uma tentativa de golpe no dia 4 de julho, e de milícias armadas. Poderia dar-nos maiores detalhes sobre ambos?

Soares : De fato, a 4 de julho começaram a circular boatos por todo o país, que a nação estava em guerra civil; que lutava-se nas províncias do norte e em muitas cidades. Na base desses boatos, o PCP convocou pessoal e os colocou em "alerta", prontos a intervir no governo. Foi preciso o Presidente Costa Gomes ir à T.V., para explicar ao povo que nada estava acontecendo, e que tivesse calma. As forças armadas tomaram medidas, de modo que o golpe não pode ser consumado.

Qual foi a outra pergunta?

Entrevistador: As milícias.

Soares: Sim, há, de fato, grupos de esquerda fortemente armados, compostos do PCP, MRPP, FES, LUAR e outros.

Entrevistador: Quão fortes são esses grupos?

Soares: Alguns grupos estão pesadamente armados, em geral, sob o pretexto de segurança interna do partido. Nós consideramos isso uma séria ameaça ao governo e à democracia, e que não deve ser permitido.

Entrevistador: E face desta abertamente anunciada intenção do PCP de se apoderar do poder, bem como de grupos armados e aguerridos, o senhor acha que ainda é possível encontrar uma solução política para o problema português?

Soares: Sim, é nossa esperança que possamos, de alguma maneira, apelar para o bom senso da esquerda e fazê-los ver que só trabalhando em comum acordo, poderemos salvar Portugal. Estamos enfrentando seríssimos problemas econômicos e financeiros, com 300 mil desempregados agora e 500 mil, provavelmente, em poucos meses. Temos 3 milhões de emigrantes na Europa e nas Américas, que têm de se ligar novamente a Portugal a fim de nos ajudar. Não podemos, nem nos convém, sair da esfera ocidental, americana, para cair na esfera russa. Os resultados seriam desastrosos e terminaríamos uma nova Albânia. Outrossim, não é possível imitar o modelo cubano, pois as condições de Portugal de 1975 são bem diferentes das de Cuba em 1959. Na verdade, ainda estamos em liberdade, de modo que ainda há esperança de uma solução.

Entrevistador: Dr. Soares, uma última pergunta: - temos falado com muitos socialistas, alguns até ligados à Chefia do partido, e encontramos neles grande medo do futuro, muitos falando e fazendo planos de, em breve, emigrar para o Brasil ou países da Europa. Se os socialistas abandonam assim o país, quem ficará aqui para lutar pela democracia?

Soares: De fato, do ano passado até hoje, perdemos 25.000 técnicos que emigraram para o Brasil e Europa, por razões políticas. Esse é um tipo de gente, que não devemos perder, mas são os que tendem a fugir. Infelizmente, algumas pessoas têm a tendência de resolver seus problemas em bases pessoais e não em bases comunitárias". (O restante da resposta consta no lado n.2 do cassete n. 0010-1 do Programa de História Oral da UnB).

Depois que a gravadora foi desligada, Dr. Mário Soares perguntou de que Universidade eram os entrevistadores. Ao saber que o entrevistador era da Universidade de Brasília, com expressão bem cansada e séria, e olhando para o chão, o Dr. Soares disse: "É, um desses dias talvez bata à sua porta".

Tendo dito isso o Dr. Soares se despediu de nós.

O acima é uma reprodução, a mais honesta possível, do que lembramos desta entrevista, e assim o declaramos.

Lisboa, 29 de julho de 1975
Rafael de Faria Domingues Moreira
David Gueiros Vieira

As 15:30 tomei um táxi para a Rua da Artilharia, 105 – sede do Movimento Democrático Português (MDP/CDE) grupo bem da esquerda. Depois de uma hora de espera fui atendida pelo Lino de Carvalho, que me havia prometido a entrevista.

Lino de Carvalho é um rapaz magro, um pouco mais alto do que eu, de barba meio pontiaguda, marrom meio claro, pálido, de olhos encovados e sofridos, e com um defeito numa perna. Um tipo tremendamente calado e desconfiado ficou silencioso enquanto eu explicava o que queria. Todo o tempo manteve a mão direita cobrindo a boca, que para mim sempre indica que a pessoa está querendo falar, mas que de algum modo está se contendo.

Falou que tinha estado na política antes do 25 de abril, que tinha sido torturado pelo PIDFE, que fora internado em um hospital psiquiátrico, onde estava, quando a Revolução o retirou de lá. A esposa também tinha sido presa e torturada.

Falou muito, fez discurso e propaganda no teipe. Porém quando comecei a falar das acusações que o PS faz á esquerda, abriu todo o jogo, e discutiu detalhes particulares. Indicou em uma das mesas um grande “dossiê”, sem, no entanto mostrá-lo, que “provava” que há três mil portugueses ou assalariados dos socialistas, treinando na Espanha, na fronteira de Portugal; que esses, bem armados, têm atravessado a fronteira e provocado distúrbios e ataques às sedes do PC e outros partidos da esquerda. Disse mais que tem “prova” que tudo isso está sendo teleguiado pelo CDS, PPD e PS.

Zangou-se quando falei que o PS diz que os “soviets” criados pela Revolução não representam o povo. Gritou que de fato os “soviets” não representa as “massas”, porque não quer trabalhar com as “massas”, pois numa revolução trabalha-se com uma “vanguarda”, com uma elite, etc. Perfeito, perfeito para provar o que eu queria provar: que os “soviets” foram formados, de fato para impor regras e controlar uma maioria da população, tudo isso feito por uma minoria, pugnaz e aguerrida.

O resultado disso tudo é que descobri o seguinte: eu poderia ter feito isso desde o começo – ter ido diretamente aos partidos, em vez de estar esperando aqui por ligações e conexões pessoais de amigos pessoais. Essa gente, de fato, não é tão perigosa pessoalmente quanto eu pensava, e muito interessada em se explicar ao mundo. Meu programa teria sido muito mais bem sucedido, se tivesse agido assim, desde o começo. No entanto, ao chegar aqui

estava tão amedrontado, pelo que os portugueses me haviam contado no Brasil, que estava praticamente paralisado de terror.

Do MPD, fui ao MES (Movimento de Esquerda Socialista) outro grupo da extrema, com uma apresentação do Lino de Carvalho. Deram-me o nome do arquiteto Nuno Teotónio Pereira (tel: 76-3097), que é um dos chefes do partido. Já telefonei para ele, e combinamos nos encontrar na quinta-feira, às 17:30.

Só no fim do dia é que me lembrei que a Maria João, secretária do Major Victor Alves, "Embaixador Itinerante", me havia prometido entrevista para hoje (sem hora marcada). Amanhã às 09:00 já vou falar com o professor Jorge Borges de Macedo, e logo depois vou ao Ministério das Relações Exteriores, a ver se consigo falar com ela.

O Rafael Moreira acaba de telefonar que ainda hoje passará por aqui, para ler o que escrevi sobre a entrevista com Mário Soares, e trazer um livro que quer que eu entregue ao professor Borges de Macedo amanhã.

Assim acaba mais um dia na vida deste "lisboeta", que já não aguenta essa cidade e esse negócio de entrevistas. No entanto, tenho pensado muito no que farei com tudo isso, quando voltar ao Brasil. Já estou planejando o "outline" de um livro que poderia ser intitulado "Os Cravos de Abril que Murcharam em Julho", ou "A Crise de Julho" ou algo assim. Vou pedir sugestão a José Honório. Ele tem sempre ótimas idéias para títulos, que são curtos. Talvez com essa publicação consiga suficiente dinheiro, pelo menos para pagar o "papagaio que empinei" no Banco Real, S. A., para pagar pelas minhas despesas aqui.

Lisboa, 30 de julho. Mais um dia de muita ação e de muito calor. Aqui segue meu diário.

Acordei cedo, pois tinha encontro marcado com o professor Jorge Borges de Macedo, para as 09:00 horas. Como não tinha troco, e o hotel tampouco, tive de esperar até as 09:10, hora em que as lojas abrem, para trocar dinheiro para o táxi, pois os motoristas de táxis aqui nunca têm troco.

Troquei o dinheiro no correio, onde coloquei duas cartas e diários para o Brasil. Meu encontro com o Borges foi bom; ele falou muito de si próprio, como político estudantil e, depois, com político, professor de universidade, de sua prisão etc. no meio da entrevista chegou alguém a porta, entregando um dossiê verde. Notei que o professor ficou muito nervoso com o que recebera, de modo que resolvi cortar a entrevista logo ali, pois parecia estar, subitamente, longe de tudo e do que estava falando comigo.

Senti que estava passando por um sério problema. Informei-o de que na Universidade de Brasília precisávamos de bons professores, perguntei-lhe se não tinha aceitado o convite que lhe fora feito pela Universidade de São Paulo.

Respondeu-me que não, porque não queria deixar Portugal no meio de uma crise. Procurei mostrar a ele que deveria se candidatar a alguma posição em Universidade no Brasil, ainda que não fosse aceitar nada agora, porém já abrindo as portas à possibilidade de uma contratação imediata, caso venha a ser "saneado" (cassado) aqui. Disse-me que não facilitará a ninguém jogá-lo fora da Universidade de Lisboa, que se ele fizer isso, seus acusadores o expulsarão, alegando que tem contrato com universidades estrangeiras.

Foi aí que me mostrou o dossiê verde, que recebera naquele momento, de um funcionário do MEC português. Era a acusação formal que lhe fazia o Governo Revolucionário, que o acusa de quatro faltas, ou "crimes": 1) ter em certa ocasião chamado a polícia de choque, quando os alunos estavam fazendo uma assuada "antifascista"; 2) ter votado pela formação de um grupo de "vigilantes", para manter a calma na Universidade de Lisboa; 3) ter atuado de maneira dura contra alunos "minoritários" (da esquerda); 4) ter "empalado" um aluno contra a porta.

O professor Macedo negou, em parte, os dois primeiros pontos. Disse que, de fato, num momento de greve, quando os alunos estavam querendo destruir tudo, ele telefonou para a polícia do bairro; se essa polícia local chamou a polícia de choque, para fazer violência, não foi feito por ele. Que sempre defendeu o ponto de que a universidade era lugar para estudo, e não para revolução. Afirmou que pessoalmente votara contra o estabelecimento de vigilantes, porém, que a faculdade havia votado, na sua maioria, para a criação de tal entidade; que jamais tratara mal nenhum aluno (e diz ele que duas últimas acusações são totalmente falsas) quer por razão de nacionalidade, religião ou política; e que jamais fez violência física contra nenhum aluno.

Rafael Moreira, no entanto, me conta que esteve presente no último caso, quando um grupo de alunos invadiu a sala de aula do professor Macedo, e ele os expulsara aos gritos, dizendo que não admitia interferência nas suas aulas. Um deles, que era chefe dos baderneiros, e mais afoito, começara a empurrar a porta de um lado e Macedo de outro. Finalmente, incapaz de conter o grupo, Macedo abandonara o recinto e deixou-os em paz. No entanto, isto hoje é considerado uma atitude "anti-revolucionária", e ele será cassado, sem dúvida alguma.

De lá fui ao Ministério de Negócios Estrangeiros, no Largo Rilvas, Lisboa 3, a ver se podia falar com a Maria João Seixas Lopes, secretária do Major Victor Valle, "Embaixador

Itinerante” da Revolução. Ela me havia dito que iria viajar, porém que estaria de volta no dia 29, e que a procurasse. Como o dia 29, ontem, foi dia ocupado, não pude fazê-lo. Entretanto, hoje, tinha ouvido que o Ministro Melo Antunes e o General Victor Alves tinham ido para Uganda, para participar da reunião da União Africana. Esta saída deles do país é bem sintomática, que algo de mau está passando. Eles são membros do MFA, porém do grupo do “centro”, que mantém o equilíbrio, e cada vez que o MFA que fazer algo “mau”, os manda para fora do país, assim me dizem.

De fato, mal tinha regressado ao hotel, quando recebo telefonema de Rafael Moreira, informando-me das novas notícias políticas: tinha acabado de ouvir o General Othelo Carvalho, de volta de Cuba, em entrevista diretamente do aeroporto, falando num possível exílio de Mario Soares. Rafael não sabia se Soares já estava exilado, ou se estavam apenas falando sobre tal possibilidade. Daí comentou quão importante fora nossa entrevista ontem, com Mário Soares, após a qual, depois do gravador estar desligado (não sei se mencionei isso no meu diário de ontem à noite) o Soares perguntou de onde éramos, e ouvindo que era da UnB, de ar cansado, de olhos para o chão disse: “um desses dias talvez bata à sua porta, ou bata à porta da sua universidade”, ou algo assim. Havíamos comentado muito essa expressão dele, sem saber, no entanto, o que de fato ele queria dizer, exceto que havia a possibilidade de se exilar.

O Rafael passou a tarde toda pesquisando o assunto e hoje à noite me informa que, das melhores fontes que pode encontrar (a censura cortou totalmente esse pronunciamento de Othelo dos “replays” que forma feitos no rádio e na TV) o Othelo de fato, falou que o Conselho da Revolução havia debatido, na semana passada, se Soares deveria ou não ser exilado, e que ele, Othelo, estava de perfeito acordo que o fosse. O Othelo é muito desbocado.

Isso, então, nos parece que, quando Soares falou conosco, já sabia que ia ser exilado, ou que, pelo menos, seu exílio já estava sendo debatido pelo Conselho da Revolução. Na verdade, isso é muito mais humano do que assassiná-lo, como muita gente pensa e diz ter sido planejado.

Depois do almoço fui á sede do Partido Comunista, que está localizado na área do Campo Pequeno (Praça de Touros) na Av. Antonio Serpa, nº 26, 3º andar. É um velho edifício, por cima de uma garagem de automóveis. Entrei com um grupo de “camaradas”, caso contrário teria tido alguma dificuldade, pois a sede está (e com muito boas razões) muito bem guardada e com sérias medidas de segurança.

Disse na recepção que desejava falar com alguém sobre o programa do PCP, para o nosso programa de história oral. O recepcionista foi “lá dentro”, enquanto eu olhava na

livraria, montada na sala ao lado, os livros e pôsteres que havia para vender. Comprei três pôsteres. Em breve vem uma moça, chamada Glória Felipe, da Sessão Internacional do Partido. Perguntou o que queria, e ouvindo falar que já tinha entrevistado o Mário Soares achou que deveria também entrevistar o Álvaro Cunhal. Um golpe de sorte tremendo. No entanto, ela não sabia se Cunhal estava, ou não, disponível. No entanto, pedia que telefonasse de volta, amanhã ao meio dia, (tel: 77-2284) e ela me diria se seria recebido e por quem, se por Cunhal ou se por outro membro do partido. Em vista dos rumores de exílio de Mário Soares, creio que Cunhal se recusará a falar comigo. Terei muita sorte se alguém, quem quer que seja, fale comigo.

Voltei até o Hotel Tivoli, a procura do José Honório, que me havia telefonado e deixado recado que tinha se mudado do Hotel Capital. Não estava lá, mas deixei-lhe um recado escrito.

Desci pela Av. Liberdade e, em frente a uma sorveteria italiana, parei para tomar um sorvete – estava fazendo calor como num verão carioca. Enquanto tomava um sorvete, vejo descendo a avenida José Honório e a esposa (Leda Boechat). Ele me viu e parou na mesa, apresentando-me a esposa, e sentaram os dois para falar comigo. A esposa tinha chegado da Inglaterra, ontem à noite, e resolveram se mudar para um hotel melhor.

A D. Leda é pessoa extremamente acanhada, silenciosa e totalmente dominada por José Honório. É pena, porque é mulher muito brilhante, que tem produzido trabalhos mais inteligentes do que ele. É baixinha, pálida, e simpática.

Lá pelas 17:00 horas, foram embora, pois José Honório tinha encontro marcado em Joel Serrão. Caminhei até o hotel, onde deixei os pôsteres do PC, e tomei um táxi para a sede do MES (Movimento de Esquerda Socialista) Av. D. Carlos I, 132, bem ao lado do Palácio São Bento, onde se reúne a Constituinte.

Passei uma hora esperando pelo arquiteto Nuno Teotônio Pereira, um dos líderes do MES. Ele apareceu, finalmente, e me disse que tinha marcado para a quinta-feira e não na quarta-feira, como eu havia escrito na minha agenda!

Voltei ao hotel, onde me encontrei com Rafael às 20:00 horas. Veio para ler o que escrevi sobre nossa entrevista com Soares. Lembrou dois assuntos que tínhamos discutido com ele, e que eu havia esquecido. Comemos juntos na cafeteria Atrium e ele foi para um cinema.

Falou-me que o primeiro volume da história de Portugal, que está escrevendo com duas colegas (a quem não conheci ainda), sairá em dezembro, de acordo como que contratou hoje. Desta maneira “fecharão” o mercado para esse tipo de trabalho. Disse-me ainda, que até

agora não recebeu resposta de Isabel do Carmo e do PRP-BR. Não sei se "sairá algum coelho daquela moita".

Tendo feito tudo isso, dormi pouco e acordei para escrever o diário, para poder dormir descansadamente.

Dentro de dois dias estarei a caminho de Londres, e dentro de nove dias estarei a caminho de casa. Sem dúvida alguma, de todas as minhas experiências na vida, esta tem sido uma das mais exaustivas e interessantes, mas estou contente que a mesma está chegando ao fim.

Lisboa, 31 de julho. Ontem à tardinha, tendo passado pela sede do PCP, e falado com eles sobre a possibilidade de entrevistar alguém, foi-me dito que telefonasse hoje para uma moça chamada Grácia Felipe, Sessão Internacional (tel:77-2284). Na verdade, duvido muito que Álvaro Cunhal fale comigo, pois ele bem recentemente, tendo baixado a defesa, e dando uma entrevista a Oriana Faillachi (a jornalista italiana) deu com a língua nos dentes e revelou uma porção de coisas que não devia revelar. Ela publicou tudo, no *New York Times*, e quando ele quis negar, produziu um tape que tinha feito da conversa às escondidas (tinha uma gravadora na bolsa).

As 09:30 telefonei á D. Grácia. Disse-me que ainda não tinha nenhuma resposta; que telefonasse de novo ao meio dia. Telefonei ao meio dia: não estava disponível, pois se encontrava em reunião. Pediram que telefonasse depois das 18:00 horas.

Com a volta de Othelo Saraiva, de Cuba, os rumores continuaram a voar, a respeito de possível exílio de Mário Soares. Sendo assim, telefonei ao D. Vasco da Gama Fernandes, pedindo-lhe audiência, de acordo com o que me havia prometido. Disse-me que o procurasse à tarde, na Constituinte. Resolvi só ir à Constituinte lá pelas 16:00 horas, para fazer as duas entrevistas, de Vasco da Gama (PS) e de Nuno Teotônio Pereira (MES). A sede do MES fica na primeira esquina, logo depois do edifício da Constituinte.

Ao chegar na Constituinte, descubro que a sessão não começou ainda. Os deputados estão todos pelos corredores e saguão do chamado "Hemiciclo" – salão de debates. O interessante é que havia dois indivíduos, de aparência grosseira, com as cabeças quebradas e remendadas de esparadrapo, sentados num sofá, falando com um Deputado da UDP (União Democrática Portuguesa – esquerda) chamado Américo dos Reis Duarte. Reconheço-o pelo retrato, que vi no *Jornal Novo*, esta semana. É deputado radicalíssimo, ex-operário de fábrica, mas muito inteligente e "politizado". Perguntei a um dos camaradas de cabeça quebrada, o que havia ocorrido, se era acidente ou violência ocorrida no Norte, conforme lera nos jornais.

Ele riu e disse que “acidente”, uma gozação, evidentemente, pois estavam os dois a cochichar com Américo Reis, que estava cuidadosamente anotando o que eles diziam.

Pedi a um dos funcionários que chamasse o deputado Vasco da Gama. Ela entrou e voltou dizendo que esperasse um pouco – depois descobri que não tinha dado o recado. Fui ao camarote da imprensa, de onde pude vê-lo “batendo papo” com vários outros deputados no Hemiciclo.

A sessão só começou as 17:00 horas. Disseram-me que a demora fora devido à reunião de uma das comissões. Chamo um dos bedéis e peço-lhe que leve recado ao deputado Vasco da Gama, e recebo resposta do deputado, que falará comigo na hora do recesso. O recesso, em geral, é às 17:30, mas como estão com duas horas de atraso, só será lá para as 19:00 horas.

Minha entrevista com o Nuno Teotónio Pereira estava marcada para as 17:30. Deixo a Constituinte e vou à sede do MES. Mandaram-me esperar, numa sala de reuniões – com uns “bancos” feitos de tabuas colocadas em cima de tijolos.

Em breve vem o Teotónio me buscar. Ele parece muito com um ex-aluno meu, o radical Versianni, tanto em aparência física como em radicalismo. É sobrinho, descubro, do conhecido Embaixador Teotónio Pereira, que foi embaixador no Brasil por quase que 10 anos.

Noto que estão trazendo um montão de mobília para dentro dos edifícios da MES (D. Carlos I nº 146, 132 e 130), inclusive um montão de camas de solteiro. Não sei se estão montando uma espécie de “república” para visitantes estrangeiros, e das províncias, ou se uma espécie de “casa da guarda” para os militantes armados. Eles têm muitas ligações com revolucionários estrangeiros. Na portaria do edifício há cartazes em francês, inglês e alemão, informando que nos dias tais e quais a tal e tal hora há sessões de esclarecimento para os “camaradas estrangeiros”.

Depois da entrevista com o Teotónio volto à Constituinte. As 18:00 horas e pouco entram em recesso e me encontro com o D. Vasco da Gama. Informa-me ele que na verdade não tem ainda nada a me dizer, pois o Governo, se bem que o triunvirato esteja anunciado, ainda não foi formado. Ainda mais, coisa muito importante, continua a funcionar um movimento dentro do MFA, para destituir Vasco Gonçalves. Quanto à questão do possível exílio de Soares, disse-me que preferia não falar, pois o partido não havia se pronunciado ainda sobre esse assunto.

Lisboa, 1º de agosto. Os jornais da manhã, melhor, o *Diário de Notícias*, que pertence ao PCP, anuncia que nesta madrugada o comandante do Batalhão de Comandos, vários oficiais, sargentos e praças, todos membros (ou entre eles vários membros) do MFA, foram presos pelos próprios soldados, com o auxílio de “trabalhadores”, armados. O comandante

Jaime Neves e os outros são acusados de "conspiração" contra a Revolução. Depois de presos, pelos próprios soldados e "patriotas" civis, foram entregues ao General Othelo de Saraiva, que os levou para uma prisão militar. Sem dúvida estavam combinando a destituição do Vasco Gonçalves. Na terminologia comunista do momento, ser contra o Vasco da Gama é ser contra-revolucionário e "fascista".

Seriam esses os tais que Vasco da Gama dissera estavam planejando destituir Vasco Gonçalves? Se forem eles, acabou-se a "direita" do MFA. Segundo a lista de nomes nos jornais, foram "transferidos para o Estado Maior" o comandante Major Lobato Faria, quatro capitães, e dois tenentes. Os soldados "elegerão" o novo comandante!

Rafael telefonou-me dizendo que o "camarada Daniel", do PRP-BR dava-nos permissão de ir ao partido entrevistar alguém. Porém, as perguntas biográficas sobre o entrevistado, não deverão ser feitas. Combinei encontrar-me com Rafael em sua casa as 10:30. Antes tinha um encontro marcado com três anarquistas, com quem falei ontem, e que se prontificaram a ser entrevistas hoje de 09:00 em diante. Fui ao Rossio, para encontrar-me com os tais, porém não os encontrei, apesar de os haver esperado até as 10:00.

Tomei um táxi para a casa de Rafael. De lá fomos a pé pra a sede do PRP-BR, que fica duas quadras abaixo. Aliás, a casa do Rafael é cercada por sedes de partidos radicais. Uma quadra acima fica o MDP, duas abaixo, fica o PRP-BR e na mesma rua, mais adiante desta, fica o MRPP.

A casa na qual está localizada a sede o PRP-BR é uma velha casa "abandonada" que eles ocuparam. É muito interessante, porque tem enormíssimas portas, dando a idéia de uma garagem. Lá dentro nos anunciamos na recepção e o chefe da casa foi chamado. Fui então apresentado como "o camarada brasileiro que veio entrevistar um de nós".

O chefe informou-nos que a pessoa escolhida, para ser entrevistada, tivera de sair, mas que poderíamos entrar na conferência de imprensa da "camarada" Isabel do Carmo, e depois ver se ela nos daria uma entrevista particular.

A entrada do velho edifício era assustadora, pois estava atulhada de metralhadoras e fuzis, empilhados em um canto. Não é por nada que o MRPP é conhecido como "Maria Rita Pum-Pum", sempre envolvido em violências.

Mais adiante havia um salão com duas mesas toscas. Lá estava Isabel do Carmo falando para um bando de jornalistas italianos. Todos bem hippies, exceto por uns que me pareceram bem antagônicos ao que dizia Isabel do Carmo – creio que eram membros do PC italiano, que apóia os socialistas em Portugal, em vez dos grupos radicais.

Isabel do Carmo é mulher aparentemente de 35 ou 40 anos, baixa, de cabelos pretos penteados bem severamente para trás, amarrados com um pony-tail, com uma borracha. Tem sobranceiras espessas, um nariz pontiagudo e meio aquilino, o rosto magro. Tem braços e mãos curtas e grossas (grosseiras também), enormes seios, enorme derrièrre, pernas curtas e grossas. Vestia um vestido vermelho, tipo saco, meio curto, e sapatos de corda. Ao todo dava uma impressão de uma camponesa; inteligente, sem dúvida, mas uma camponesa.

Quando entramos, estava dando sua versão da Revolução de 25 de abril. De acordo com ela, esta tinha sido um golpe de estado de oficiais burgueses, cansados do fascismo. Naquele momento houvera uma reunião de todos os partidos da esquerda; estes foram da opinião de que a burguesia iria montar uma tradicional democracia europeia, dentro da qual eles poderiam funcionar e por isso ajudariam a mesma. Todos, menos o PRP-BR, hoje eram da opinião de que chegara a hora para se fazer uma revolução da esquerda, e que a burguesia não se consolidaria no poder.

Dentro em pouco, continuou ela, começaram a ocorrer reivindicações trabalhistas (mais tarde ela explicaria que o PRP-BR começara, logo de saída, a montar aparelhos revolucionários dentro das fábricas) de modo que dentro de um só mês houve 100 greves trabalhistas, em vários pontos do país.

Em vista dessas greves e do programa de descolonização imediata, imposta pela esquerda, o país entrara em crise econômica e financeira, resultando em tentativas dos "fascistas", dentro do Governo, de tentar controlar o mesmo, resultando em serem eles exilados ou presos, e no fortalecimento das forças "democráticas". Desta maneira, encorajados por esses eventos, os partidos da esquerda começaram a se movimentar em direção de um controle maior da revolução.

Falou por duas horas e meia. Depois disso saímos e fomos almoçar num restaurante (eu e Rafael) e sentamos numa mesa ao lado da mesa da própria Isabel do Carmo, que lá se encontrava, almoçando com um casal francês.

Depois disso telefonei novamente para o PCP e fui informado de que só na próxima semana poderia entrevistar alguém. Com esta, resolvi encerrar meus trabalhos em Portugal. Tranquei a gravadora, que agora está completamente quebrada, e declarei encerrada esta minha missão.

À noite resolvi ir ver o filme "Emanuelle", em versão não censurada, no cine Roma. Antes de sair ainda vi uma demonstração no Rossio, em prol das associações de "trabalhadores e camponeses" onde um grupo de gatos pingados, entre eles um grande número de estrangeiros (alemães, espanhóis e franceses) marcharam ao redor do Rossio

gritando slogans. Os burgueses portugueses, sentados às mesas colocadas na calçada, em frente à Leitaria Suíça, calmamente tomavam sorvete e pacatamente olhavam a movimentação dos camaradas revolucionários. De certo modo, para mim, aquela cena representava, tipicamente, o que está acontecendo em Portugal: um pequeno grupo, ínfimo - realmente minoritário, mas bem liderado e gritante - está tomando o poder, enquanto a burguesia, sem hábito de agir por si própria, após longos anos de ditadura, atordoada, sem compreender bem o que está acontecendo, calmamente toma sorvete e olha a cena.

Londres, 2 de agosto de 1975. Acabo de chegar a Londres, onde me localizo em um modesto hotel em Knightsbridge, recomendado pelo meu primo Marianito. O aeroporto de Lisboa estava um pandemônio. Todo mundo parecia querer sair de Portugal ao mesmo tempo. Eu fizera reserva em um voo da British Airways, mas pelo fato de meu último nome ser Vieira, fui o último a ser chamado para entrar no avião, quando já não mais havia vagas na classe de turismo (um caso de overbooking, sem dúvida). Depois de muita reclamação da minha parte, ofereceram-me um lugar na primeira classe, sem ter de pagar nada extra. Aceitei, evidentemente.

No salão de espera do aeroporto, fiz amizade com um senhor inglês, muito gentil, que me informou ter estado no Brasil várias vezes, e me aconselhou visitar as cachoeiras de Sete Quedas, "antes que a barragem que estão construindo lá destrua tudo". Desconfiei de que se tratava do Lord Thompson, pela sua aparência e porque tipicamente usar luvas de seda branca, para esconder uma severa alergia nas mãos, assim afirma a imprensa internacional. Eu que com tanto desembaraço me tinha apresentado aos revolucionários portugueses, me acanhei de perguntar o nome do gentil inglês.

A viagem Lisboa/Londres foi excelente, evidentemente. No passado tivera oportunidade de viajar várias vezes de primeira classe - de Nova Iorque ao Rio, em voos da Varig, das Aerolineas Argentinas e de várias companhias americanas. Achei o serviço de bordo da British Airways quase que tão bom quanto o da Varig, que sempre se excede em gentilezas. Das Aerolineas Argentinas nem falo, pois só viajei uma vez, tendo sido maltratado, mesmo como passageiro de primeira classe, presumo por ser eu brasileiro, pois não sou passageiro exigente nem causador de problemas. Jurei nunca mais viajar com os argentinos, ainda que meus dois melhores amigos em Nova Jersey sejam portenhos.

À noite dei umas voltas pelos pubs ingleses, sempre muito badalados, mas creio que visitei os pubs errados, visto que nada encontrei de extraordinário neles. Talvez minhas expectativas tenham sido elevadas demais.

Londres, 3 de agosto. Tendo posto de lado a revolução portuguesa, que me fascinou e me prendeu em Lisboa por quatro semanas, com sua agitação e eventos inesperados todos os dias, a vida aqui em Londres é tão pacata quanto em uma modorrenta cidade interiorana, em qualquer país do mundo.

Telefonei a Lord Thompson of Fleet, através do número que me fora dado no Rio de Janeiro, e fui atendido por um de seus subordinados. Informou-me que o chefe chegara ontem de Portugal (estaria eu correto, ao imaginar que o estranho inglês era o próprio Lord Thompson?). A pedido das senhoras da Associação de Apoio aos Refugiados de Angola, informei-o de que as mesmas temem que os refugiados de Angola estejam sendo trancafiados em campos de concentração, e pedem que a imprensa inglesa investigue o tópico, e uma vez confirmado, que informe o mundo do que está acontecendo com esses refugiados.

O funcionário de Lord Thompson afirmou nada saber do assunto, pois o chefe, que recém-chegara de Portugal, nada o informara sobre isso. Porém prometeu que irá investigar as acusações das senhoras portuguesas.

Tendo dado meu recado, considereei cumprida minha missão, e de agora em diante me dedicarei a investigar a vida dos capelães britânicos no Brasil, no século XIX, conforme relatado em suas correspondências com o Arcebispo de Canterbury, e localizadas no Palácio de Lambeth. Dou também por encerradas essas minhas notas sobre a revolução portuguesa.



